

UM CONTO DE A SELEÇÃO



# A RAINHA

KIERA CASS

**SÉQUINTE**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

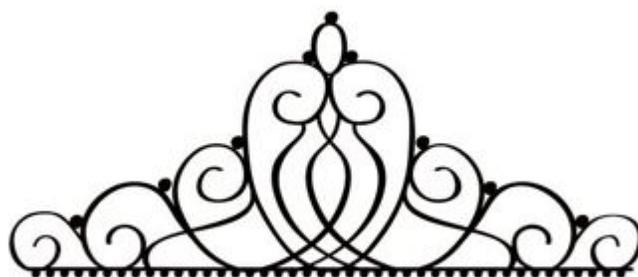
UM CONTO DE A SELEÇÃO



# A RAINHA

KIERA CASS

SÉQUINTE



# A RAINHA

KIERA CASS

Tradução  
CRISTIAN CLEMENTE

**SÉQUINTE**  
O selo jovem da Companhia das Letras



A quarta enxaqueca em duas semanas. Como explicaria uma coisa dessas ao príncipe? Como se não bastasse o fato de quase todas as garotas que sobraram serem Dois. Como se as minhas criadas já não estivessem se matando para dar um jeito nas minhas mãos calejadas. Em algum momento, precisaria contar a ele sobre as ondas de mal-estar que vinham de repente. Bom, se ele ao menos me notasse.

A rainha Abby estava sentada do outro lado do Salão das Mulheres; parecia querer ficar longe das garotas de propósito. O menor movimento de suas costas já me dava a sensação de que, no que dependesse dela, não éramos bem-vindas.

Ela estendia a mão para a criada que, por sua vez, lixava suas unhas à perfeição. Contudo, mesmo rodeada de paparicos, a rainha parecia irritada. Eu não entendia, mas tentava não julgar. Talvez uma parte do meu coração também se endurecesse caso eu perdesse um marido tão jovem. Sorte que Porter Schreave, primo do falecido, a tomara como esposa, o que lhe permitira manter a coroa.

Corri os olhos pelo salão e passei a observar as outras garotas. Gillian era Quatro, como eu, mas uma Quatro adequada. O pai e a mãe eram chefs de cozinha, e pelo jeito como ela descrevia nossas refeições, eu imaginava que trilharia o mesmo caminho. Leigh e Madison estudavam veterinária e visitavam os estábulos sempre que recebiam autorização.

Eu sabia que Nova era uma atriz com milhares de fãs apaixonados torcendo para ela conseguir o trono. Outra garota, chamada Uma, era ginasta, e seu corpo pequeno e delicado era gracioso mesmo parado. Várias Doís ali sequer haviam escolhido sua profissão. Se eu também tivesse alguém para pagar as contas, me alimentar e me dar um teto, talvez também não me preocupasse com isso.

Esfreguei as têmporas doloridas e senti a pele rachada e os calos arranharem minha testa. Então parei para olhar minhas mãos maltratadas.

Ele jamais iria me querer.

Fechei os olhos e pensei no meu primeiro encontro com o príncipe Clarkson. Lembrava-me da força de sua mão ao me cumprimentar. Ainda bem que as minhas criadas acharam um par de luvas bordadas; do contrário, eu teria sido mandada de volta para casa no ato. Clarkson foi contido, polido e inteligente: tudo o que um príncipe deveria ser.

Eu tinha percebido durante as últimas duas semanas que ele não sorria muito. Dava a impressão de que temia ser julgado por achar graça nas coisas. Mas, minha nossa, como seus olhos brilhavam quando ele sorria! O cabelo loiro acinzentado, os olhos levemente azuis, seu porte robusto... Ele era perfeito.

Infelizmente, eu não era. Mas devia haver uma maneira de fazer o príncipe Clarkson me notar.

*Querida Adele,*

Afastei a caneta do papel por um instante, consciente de que aquilo era inútil. Ainda assim...

*Estou me adaptando muito bem ao palácio. É lindo. É muito mais que lindo, mas não sei as palavras certas para descrevê-lo. Angeles é quente de um jeito diferente de casa, mas também não sei como explicar. Não seria maravilhoso se você pudesse vir e observar tudo*

*e sentir o clima e os aromas por si mesma? E, sim, há muitos aromas.*

*Quanto à competição, ainda não passei um único segundo a sós com o príncipe.*

Senti uma pontada no coração. Fechei os olhos e respirei devagar. Me forcei a manter o foco.

*Com certeza você viu na TV que o príncipe Clarkson mandou oito garotas para casa, todas Quatro e Cinco e a única Seis. Restaram mais duas Quatro e um punhado de Três. Fico pensando se esperam que ele escolha uma Dois. Acho que faria sentido, apesar de isso partir meu coração.*

*Você poderia me fazer um favor? Poderia perguntar para a mamãe e o papai se temos um primo ou alguém na família nas castas mais altas? Eu deveria ter perguntado antes de partir. Acho que uma informação dessas seria bastante útil.*

Eu estava começando a sentir as náuseas que às vezes acompanhavam as enxaquecas.

*Preciso correr. Tem muita coisa acontecendo. Escrevo outra carta em breve.*

*Amo você para sempre,  
Amberly*

Me sentia fraca. Dobrei a carta e a enfiei no envelope já endereçado e selado. Esfreguei as têmporas de novo, na esperança de que a leve pressão me trouxesse algum alívio, embora nunca funcionasse.

— Está tudo bem, Amberly? — perguntou Danica.

— Ah, sim — menti. — Acho que estou cansada ou algo assim. Vou dar uma volta. Para fazer o sangue circular e tudo mais.

Sorri para Danica e Madeline e saí do Salão das Mulheres, em direção ao banheiro. Um pouquinho de água fria no rosto arruinaria

a maquiagem, mas talvez fizesse eu me sentir melhor. Antes que pudesse chegar lá, a tontura veio de novo. Sentei em um dos sofazinhos dispostos pelos corredores e encostei a cabeça na parede para ver se melhorava.

Aquilo não fazia sentido. Todo mundo sabia que o ar e a água no sul de Illéa eram péssimos. Até os Dois de lá tinham problemas de saúde de vez em quando. Mas o palácio — um refúgio de ar puro, comida boa e cuidados impecáveis — não deveria me ajudar a ficar bem?

Eu perderia todas as oportunidades de impressionar o príncipe Clarkson se aquilo continuasse. E se eu não conseguisse participar da partida de croquet à tarde? Sentia meus sonhos escaparem entre os dedos. Seria melhor admitir a derrota logo. Doeria menos depois.

— O que houve?

Sobressaltada, levantei a cabeça e dei de cara com o príncipe Clarkson me encarando.

— Nada, Alteza.

— Você está indisposta?

— Não, claro que não — insisti, levantando. Foi um erro. Minhas pernas cederam e eu caí no chão.

— Senhorita? — ele perguntou, já ao meu lado.

— Sinto muito — murmurei. — Isso é tão humilhante.

Ele me pegou no colo.

— Feche os olhos se estiver tonta. Vamos para a ala hospitalar.

Que história engraçada para contar aos meus filhos: uma vez o rei me carregou pelo palácio como se eu não pesasse nada. Era bom estar ali, em seus braços. Sempre tinha me perguntado como seria senti-los.

— Minha nossa — alguém gritou. Abri os olhos e vi que se tratava de uma enfermeira.

— Acho que ela está com uma fraqueza ou algo assim — Clarkson disse. — Não parece machucada.

— Coloque-a aqui, por favor, Alteza.

Com extremo cuidado, o príncipe Clarkson me deitou num dos leitos que pontilhavam a ala hospitalar. Eu esperava que ele pudesse ver a gratidão em meu olhar.

Pensei que sairia imediatamente, mas o príncipe permaneceu ao meu lado enquanto a enfermeira checava meu pulso.

— Você comeu hoje, querida? Ingeriu bastante líquido? — ela perguntou.

— Acabamos de sair do café da manhã — o príncipe respondeu por mim.

— Você se sente doente?

— Não. Bem, sim. Digo, não é nada. De verdade.

A ideia era diminuir a importância daquilo para quem sabe conseguir participar da partida de croquet mais tarde.

A expressão da enfermeira era severa e doce ao mesmo tempo.

— Permita-me discordar, pois a senhorita precisou ser carregada até aqui.

— Isso acontece o tempo todo — deixei escapar, frustrada.

— Como assim? — ela pressionou.

Não era minha intenção confessar aquilo. Respirei fundo, tentando pensar num jeito de me explicar. Agora o príncipe saberia como a vida em Hondurágua tinha me prejudicado.

— Tenho muitas enxaquecas. E às vezes elas me dão tontura. — Engoli em seco, preocupada com o que o príncipe iria pensar. — Em casa, vou para a cama horas antes dos meus irmãos. Isso me ajuda a suportar o dia de trabalho. É mais difícil descansar aqui.

— Certo. Algo além das enxaquecas e do cansaço?

— Não, senhora.

Clarkson agitou-se um pouco ao meu lado. Eu esperava que ele não pudesse ouvir meu coração disparado.

— Há quanto tempo você tem esse problema?

— Há alguns anos, talvez mais — respondi, dando de ombros. — É meio normal agora.

A enfermeira pareceu preocupada.

— Sua família tem histórico disso?

Fiz uma pausa antes de responder:

— Não exatamente. Mas o nariz da minha irmã às vezes sangra.

— Sua família está sempre doente? — perguntou Clarkson, com um quê de repulsa na voz.

— Não — repliquei, querendo me defender, mas ao mesmo tempo sentindo vergonha por ter que explicar. — Eu moro em Hondurágua.

Ele arqueou as sobrancelhas em sinal de que tinha entendido.

— Ah...

Não era segredo para ninguém o quão poluído era o sul. O ar era ruim. A água era ruim. Havia tantas crianças deformadas, mulheres estéreis e mortes prematuras. Os rebeldes deixaram uma trilha de pichações quando passaram por lá; queriam saber por que o palácio não tinha dado um jeito naquilo ainda. Era um milagre a minha família toda não estar doente como eu. Ou eu não estar pior.

Respirei bem fundo. Que diabos estava fazendo ali? Tinha passado as semanas anteriores à Seleção construindo esse conto de fadas na cabeça. Mas não importava o quanto eu desejasse e sonhasse, jamais seria digna de um homem como Clarkson.

Virei o rosto para que ele não me visse chorar.

— Poderia sair, por favor? — pedi.

Depois de segundos de silêncio, ouvi os passos dele se afastarem. Assim que desapareceram, desabei em lágrimas.

— Calma, querida. Está tudo bem agora — disse a enfermeira para me confortar. Eu estava tão abalada que a abracei como se fosse minha mãe ou minha irmã. — É muito desgastante participar de uma competição como esta. O príncipe Clarkson sabe disso. Pedirei ao médico para lhe receitar algo para as enxaquecas, e isso vai ajudar.

— Sou apaixonada por ele desde os sete anos. Todos os anos canto parabéns para ele no travesseiro para que minha irmã não caçoie de mim por lembrar. Quando comecei a aprender as letras cursivas, praticava escrevendo nossos nomes juntos... E a primeira vez em que ele fala comigo de verdade é para perguntar se sou doente. Não sou boa o bastante — concluí depois de mais lágrimas.

A enfermeira nem tentou argumentar comigo. Apenas me deixou chorar e manchar seu uniforme todo com a maquiagem.

Eu estava tão envergonhada. Clarkson jamais me enxergaria como outra coisa além da garota fraca que o dispensou. Eu tinha certeza de que minha chance de ganhar seu coração tinha passado. Para que ele ia me querer depois disso?



No fim das contas, o croquet só permitia seis jogadores ao mesmo tempo, o que para mim era ótimo. Sentei para assistir à partida, tentando entender as regras caso chegasse a minha vez. Contudo, tinha a sensação de que acabaríamos entediados e de que o jogo terminaria antes de todos terem chance de participar.

— Meu Deus, que braços — suspirou Maureen. Ela não estava conversando comigo, mas olhei mesmo assim. Clarkson tirara o paletó e arregaçara as mangas. Ele estava muito, *muito* bonito.

— Como faço para ele me envolver nesses braços? — brincou Keller. — Não dá muito para fingir uma contusão no croquet.

As garotas ao seu redor riram, e Clarkson lançou um olhar na direção delas; seus lábios sugeriam um sorriso. Era sempre assim: apenas um esboço. Aliás, eu nunca o vira dar risada. Talvez tivesse presenciado um riso solitário e inesperado escapando, mas nunca uma situação em que ele explodisse em gargalhadas de felicidade.

Ainda assim, um indício de sorriso em seu rosto bastava para me paralisar. Não me importava de não ver mais que isso.

Os times se movimentavam pelo campo. Para meu sofrimento, percebi que o príncipe estava bem próximo a mim. Quando uma das garotas acertou uma tacada com bastante habilidade, ele voltou os olhos na minha direção sem mexer a cabeça. Olhei-o de soslaio, e ele voltou a prestar atenção no jogo. Algumas garotas torciam e aplaudiam, e ele chegou ainda mais perto.

— Há uma mesa com lanche ali — o príncipe disse baixinho, ainda sem me encarar diretamente. — Talvez você devesse tomar um pouco d'água.

— Estou bem.

— Bravo, Clementine! — ele gritou para uma garota que conseguira destruir a jogada de outra. — Mesmo assim. Uma desidratação pode piorar as enxaquecas. Talvez a água lhe faça bem.

Seus olhos baixaram para encontrar os meus, e pude notar alguma coisa. Não amor, talvez nem mesmo carinho, mas algo um ou dois graus acima da simples preocupação.

Como não conseguia contrariá-lo, levantei e fui até a mesa. Comecei a me servir de um pouco de água, mas uma criada me tomou o jarro das mãos.

— Perdão — balbuciei. — Ainda não me acostumei.

— Não foi nada — ela respondeu com um sorriso. — Pegue uma fruta. É bem refrescante num dia como este.

Permaneci ao lado da mesa, comendo uvas com um garfinho. Também precisava contar isso a Adele: talheres para frutas.

Clarkson olhou para mim algumas vezes, aparentemente para se certificar de que eu seguira sua sugestão. Não sei se foi a comida ou sua atenção, mas fiquei mais animada.

Não cheguei a ter chance de jogar uma partida.

Passaram-se mais três dias até Clarkson falar comigo novamente.

O jantar estava no fim. Sem cerimônias, o rei se retirou da sala mais cedo, ao passo que a rainha praticamente esvaziou uma garrafa de vinho sozinha. Algumas garotas começaram a fazer reverência e sair, evitando assim a visão da rainha, que se apoiava nos braços, desajeitada, para não desabar na mesa. Decidida a

comer o bolo de chocolate até a última mordida, fiquei sozinha na minha mesa.

— Como você está hoje, Amberly?

Ergui a cabeça na hora. Clarkson se aproximara de mim sem eu perceber. Agradei aos céus por não ser pega de boca cheia.

— Muito bem. E o senhor?

— Excelente, obrigado.

Houve um breve silêncio enquanto eu esperava que ele falasse mais. Ou era eu quem deveria dizer algo? Existiam regras para quem falava primeiro?

— Reparei como seu cabelo é comprido — ele comentou.

— Ah — reagi, rindo um pouco e baixando o olhar.

Meu cabelo estava quase na cintura. Embora desse trabalho para cuidar, eu tinha vários jeitos de amarrá-lo — o que era fundamental para o trabalho no campo.

— Sim — continuei. — É mais fácil para fazer tranças, que são bem vistas na minha província.

— Você não acha que talvez esteja comprido demais?

— Hum... Não sei, Alteza. — Corri os dedos pelo cabelo, que estava limpo e bem cuidado. Será que eu parecia desleixada sem saber? — O que o senhor acha?

Ele inclinou a cabeça e respondeu:

— A cor é muito bonita. Acho que ficaria melhor se fosse mais curto.

Ele deu de ombros e começou a se afastar.

— É só uma ideia — finalizou, por cima do ombro.

Permaneci sentada por uns instantes para refletir. Em seguida, deixei o bolo de lado e fui para o quarto. Minhas criadas estavam lá, à espera como sempre.

— Martha, você teria problema em cortar meu cabelo?

— Claro que não, senhorita. Tirar um dedo ou dois das pontas vai mantê-lo saudável — ela respondeu, caminhando na direção do banheiro.

— Não — rebati. — Ele tem que ficar mais curto.

A criada parou.

— Quão curto?

— Bom... Abaixo dos ombros, mas sem chegar ao meio das costas.

— São quase trinta centímetros, senhorita!

— Eu sei. Mas você consegue? E de um jeito bonito? — perguntei, erguendo as mechas grossas até os ombros para imaginar o corte.

— Claro que sim, senhorita. Mas por que isso?

Passei à frente dela e entrei no banheiro antes de explicar:

— Acho que é hora de mudar.

As criadas me ajudaram a tirar o vestido e cobriram meus ombros com uma toalha. Fechei os olhos quando Martha começou, sem muita certeza do que eu estava fazendo. Clarkson achava que eu ficaria mais bonita com o cabelo mais curto, e Martha garantiria que ainda seriam longos o bastante para amarrar. Eu não tinha nada a perder.

Não arrisquei uma olhada sequer antes de o corte estar pronto. Escutava a mordida metálica da tesoura repetidas vezes. Deu para perceber quando as tesouradas se tornaram mais precisas, como se Martha estivesse dando uma uniformizada. Pouco depois, ela parou.

— O que você acha, senhorita? — ela perguntou, hesitante.

Abri os olhos. De início, nem consegui notar a diferença. Contudo, um mínimo movimento da minha cabeça fez com que um tufo caísse pelos ombros. Puxei uma mecha para o outro lado e vi meu rosto como que rodeado por uma moldura de mogno.

Ele tinha razão.

— Amei, Martha! — exclamei correndo as mãos pela cabeça.

— Deixou a senhorita mais madura — acrescentou Cindly.

— Deixou, não é? — concordei.

— Esperem, esperem, esperem! — gritou Emon correndo até o porta-joias. Ela revirou todas as peças até encontrar algo especial. Finalmente voltou com um colar de pedras grandes e brilhantes. Eu ainda não tivera coragem de usá-lo.

Ergui o cabelo achando que ela queria que eu o provasse. Mas Emon tinha outra ideia. Com delicadeza, envolveu o colar na minha cabeça. Era tão belo que parecia uma coroa.

Todas as criadas suspiraram, mas eu estava sem fôlego.

Tinha passado tantos anos me imaginando como esposa do príncipe Clarkson, mas nem por um segundo o vira como o rapaz que poderia me tornar princesa. Pela primeira vez na vida, percebi que também queria isso. Eu não possuía contatos nem era podre de rica, mas tinha a sensação de ser capaz não só de ocupar o cargo, mas de exercê-lo com excelência. Sempre acreditei combinar bem com Clarkson, mas talvez combinasse com a monarquia também.

Me olhei no espelho. Além de imaginar “Schreave” atrelado ao fim do meu nome, adicionei “princesa” à frente. Naquele instante, desejei Clarkson, a coroa — absolutamente tudo o que podia ganhar — como nunca.



Pedi a Martha que encontrasse uma faixa de cabelo enfeitada com pedras e deixei os fios completamente soltos. Nunca tinha ficado tão empolgada para o café da manhã. Acreditava estar absolutamente linda e mal podia esperar para ver se Clarkson pensaria o mesmo.

Se tivesse sido esperta, teria chegado um pouco antes. Mas acabei entrando lentamente ao lado de várias outras garotas, o que me fez perder qualquer chance de atrair a atenção do príncipe. De segundos em segundos, eu lançava um olhar para a mesa principal, mas Clarkson estava concentrado em cortar devidamente sua refeição de waffles e presunto, de vez em quando passando os olhos por uns papéis ao seu lado. O pai praticamente só tomava café; levava a colher à boca apenas nas pausas que fazia durante a leitura de um documento. Considerei que ambos estudavam o mesmo assunto, e que se tinham começado tão cedo é porque teriam um dia bastaste atarefado. Não havia qualquer sinal da rainha. Embora a palavra "ressaca" não tenha sido dita em voz alta, quase dava para ouvi-la no pensamento de todos.

Terminado o café da manhã, Clarkson saiu com o rei para fazer o que quer que fizessem para o país funcionar.

Soltei um suspiro. Talvez à noite.

O Salão das Mulheres estava silencioso. Já tínhamos esgotado todas as conversas do tipo "vamos nos conhecer" e estávamos acostumadas a passar os dias juntas. Sentei ao lado de Madeline e Bianca, como quase sempre fazia. Bianca viera de uma das

províncias vizinhas de Hondurágua, e nos conhecemos no avião. O quarto de Madeline era ao lado do meu, e certa vez uma de suas criadas bateu à minha porta para pedir linha. Mais ou menos meia hora depois, Madeline apareceu para agradecer, e desde então ficamos amigas.

Desde o começo, o Salão das Mulheres dividiu-se em grupinhos. Estávamos acostumadas a ser separadas em grupos na vida cotidiana — as Três para um lado, as Cinco para o outro —, então parecia natural isso se repetir no palácio. E embora não nos dividíssemos exclusivamente por castas, não podia deixar de desejar que não houvesse divisão nenhuma. Por acaso não nos tornáramos iguais ao chegar ali, pelo menos durante a competição? Não estávamos passando pela mesmíssima coisa?

Se bem que, naquele momento, parecia que estávamos passando por um monte de nada. Bem que eu queria que acontecesse alguma coisa para que tivéssemos assunto.

— Receberam notícias de casa? — perguntei, na tentativa de começar uma conversa.

— Minha mãe escreveu ontem — respondeu Bianca, levantando a cabeça. — Disse que Hendly já está noiva. Você acredita? Ela saiu faz o quê? Uma semana?

Madeline entrou na conversa:

— Qual a casta dele? Ela vai subir?

— Ah, com certeza! — empolgou-se Bianca. — Dois! Tipo, isso dá esperança. Eu era Três antes de vir para cá, mas a ideia de casar com um ator e não com um médico velho e chato parece divertida.

Madeline riu e concordou com a cabeça. Já eu não estava tão certa:

— Ela o conhecia antes? Antes de vir para a Seleção, quero dizer?

Bianca inclinou a cabeça para o lado, como se a minha pergunta fosse ridícula.

— Bem difícil. Ela era Cinco; ele, Dois.

— Bom, ela contou que vinha de uma família de músicos. Talvez tenham tocado para ele alguma vez — conjecturou Madeline.

— É uma boa possibilidade — acrescentou Bianca. — Então talvez não fossem completos estranhos.

— Hum... — murmurei.

— Dor de cotovelo? — perguntou Bianca.

Achei graça.

— Não. Se Hendly está feliz, também estou. Só é meio estranho casar com alguém que você nem conhece.

Houve uma pausa antes de Madeline dizer:

— Não é mais ou menos o que a gente está fazendo?

— Não! — exclamei. — O príncipe não é um estranho.

— Mesmo? — desafiou Madeline. — Então, por favor, conte tudo o que você sabe sobre ele, porque sinto que desconheço quase tudo.

— Na verdade... eu também — admitiu Bianca.

Respirei fundo para começar uma longa lista de fatos sobre Clarkson... Só que não havia muito o que falar.

— Não quero dizer que sei cada um dos segredos dele, mas o príncipe também não é um moleque qualquer com quem a gente tromba na rua. Crescemos com ele, ouvimos sua voz no *Jornal Oficial*, vimos seu rosto centenas de vezes. A gente talvez não conheça todos os detalhes, mas tenho uma impressão bem clara dele. Vocês não?

Madeline sorriu.

— Acho que você tem razão. Não é como se a gente tivesse entrado aqui sem ao menos saber o nome dele.

— Exatamente.

A criada foi tão discreta que só a notei quando ela já estava ao pé do meu ouvido, sussurrando:

— Sua presença é requerida por um momento, senhorita.

Encarei-a, confusa. Não havia feito nada de errado. Virei para as garotas e dei de ombros antes de levantar e segui-la porta afora.

Ao chegarmos no corredor, ela apenas fez um gesto para que eu me virasse. Foi então que deparei com o príncipe Clarkson, de pé ali perto, com aquele quase sorriso nos lábios e algo na mão.

— Fui postar um pacote na sala de correio, e o chefe dos carteiros estava com esta carta para você — ele disse enquanto me estendia um envelope preso entre dois dedos. — Pensei que talvez quisesse receber imediatamente.

Avancei o mais rápido possível sem perder a compostura de uma dama e fui pegar o envelope. O sorriso do príncipe assumiu um ar malicioso quando ele repentinamente ergueu o braço.

Comecei a rir, mas sem deixar de tentar apanhar a carta desesperadamente.

— Não é justo!

— Vamos, você consegue.

Eu conseguia pular bem, mas não com sapatos de salto; e mesmo com eles era um pouco mais baixa que Clarkson. Mas não me importava fracassar, porque entre uma tentativa frustrada e outra senti um braço envolver minha cintura.

Por fim, ele entregou a carta. Como eu suspeitava, era de Adele. Tantos momentos felizes se acumulavam naquele dia.

— Você cortou o cabelo.

Desviei os olhos da carta.

— Sim — confirmei, e então peguei uma mecha e joguei por sobre o ombro. — Gostou?

Havia algo em seus olhos. Não era malícia, também não era algo dissimulado.

— Gostei. Muito.

Com essas palavras, ele deu meia-volta e saiu pelo corredor, sem olhar para trás.

Era verdade: eu fazia uma ideia de quem ele era. Ainda assim, à medida que acompanhava sua rotina, me dava conta de que havia muito mais nele do que eu vira no *Jornal Oficial*. Mas essa descoberta não me intimidava.

Pelo contrário, se tratava de um mistério que eu estava empolgada para desvendar.

Sorrindo, rasguei o envelope e comecei a ler a carta ali mesmo, no corredor, perto de uma janela para aproveitar a luz.

*Doce, doce Amberly,*

*Sinto tanta saudade que até dói. Dói quase tanto quanto pensar nas roupas lindas que você veste e na comida que experimenta. Não consigo nem imaginar os aromas! Quem me dera conseguir.*

*Mamãe chora praticamente toda vez que vê você na TV. Você parece uma Um! Se eu não soubesse a casta de todas as garotas, jamais imaginaria que você não é da família real. Não é engraçado? Se alguém quisesse, poderia simplesmente fingir que esses números não existem. Mas, parando para pensar, eles não existem para você, Pequena Senhorita Três.*

*A propósito, gostaria que existisse algum Dois há muito perdido na família para ajudá-la, mas você já deve imaginar que não. Pesquisei: somos Quatro desde sempre, e é só. Os únicos acréscimos dignos de nota não são bons. Nem queria te contar isso, e espero que ninguém ponha os olhos nesta carta antes de você, mas a prima Romina está grávida. Parece que se apaixonou por aquele Seis que dirige os caminhões de entrega para os Rake. Vão se casar no*

*próximo final de semana, o que fez todos respirarem aliviados. O pai (por que não consigo lembrar o nome dele? Argh!) se recusa a ter um filho rebaixado a Oito, e isso já é bem mais do que alguns homens mais velhos que ele fariam. Então é uma pena você perder o casamento, mas estamos felizes por Romina.*

*Em todo caso, essa é a família que você tem agora. Um bando de fazendeiros e um punhado de foras da lei. Apenas seja a garota bela e amável que sabemos que é, e o príncipe sem dúvida irá se apaixonar por você apesar da casta.*

*Amamos você. Escreva de novo. Sinto falta da sua voz. Você cria uma paz ao seu redor, e acho que só notei quando você já não estava mais aqui para fazer isso.*

*Adeus por ora, princesa Amberly. Por favor, lembre-se de nós quando conquistar a coroa!*



Martha desfazia os nós do meu cabelo com a escova. Mesmo mais curto, ainda era uma tarefa difícil por causa da espessura. Eu nutria a esperança de que ela demorasse bastante. Aquele era um dos poucos momentos que me faziam lembrar de casa. Se eu fechasse os olhos e respirasse fundo, era como se fosse Adele me penteando.

Enquanto imaginava o leve tom acinzentado de casa, mamãe a cantarolar com o som constante dos furgões de entrega ao fundo, alguém bateu na porta e me trouxe de volta à realidade.

Cindly correu até a porta e, um segundo depois de abrir, curvou-se em reverência.

— Alteza.

Levantei e imediatamente cruzei os braços sobre o peito, sentindo-me incrivelmente vulnerável. As camisolas eram tão finas.

— Martha — sussurrei aflita. Ainda curvada em reverência, ela me lançou um olhar. — Meu roupão. Por favor.

Ela se apressou em pegá-lo enquanto eu voltava o rosto para o príncipe Clarkson.

— Alteza, que gentileza sua vir me visitar.

Me curvei rapidamente e logo voltei a cruzar os braços sobre o peito.

— Pensei que talvez você quisesse se juntar a mim para uma sobremesa fora de hora.

Um encontro? Ele estava ali para um encontro?

E eu de camisola, sem maquiagem, cabelo penteado pela metade.

— Hummm... Será que devo... trocar de roupa?

Martha me entregou o roupão, que enfiei de uma só vez.

— Não, você está bem assim — insistiu ele, caminhando pelo quarto como se fosse o dono. O que, pensei, ele era mesmo. Por trás do príncipe, Emon e Cindly se esgueiravam porta afora. Martha me encarou em busca de orientação. Acenei a cabeça de leve, e ela também saiu.

— Está feliz com seu quarto? — perguntou Clarkson. — É bem pequeno.

Comecei a rir.

— Suponho que pareça assim para alguém criado no palácio. Mas gosto dele.

Clarkson caminhou até a janela.

— A vista não é grande coisa.

— Gosto do som da fonte. E quando alguém chega de carro, ouço o ruído das rodas sobre a brita. Estou acostumada com bastante barulho.

Ele franziu a testa.

— Que tipo de barulho?

— Música em alto-falantes. Só soube que isso não acontecia em todas as cidades quando cheguei aqui. E motores de caminhões e motos. Ah, e cachorros. Estou acostumada com os latidos.

— Que ótima canção de ninar... — ele comentou, voltando para perto de mim. — Está pronta?

Discretamente, procurei minhas pantufas, encontrei-as ao lado da cama e calcei.

— Sim.

Ele caminhou até a porta a passos largos para em seguida me olhar e oferecer o braço. Mordi o lábio para segurar o sorriso e me juntei a ele.

Ele não parecia gostar muito de ser tocado. Notara que quase sempre andava com as mãos nas costas, em passadas bruscas. Mesmo naquele momento, dava para perceber sua pressa enquanto cruzávamos o corredor.

Ao pensar nisso, senti de novo a emoção daquele dia em que ele brincou com a minha carta, e isso me permitiu ficar à vontade ao seu lado.

— Aonde vamos?

— Há uma sala de estar esplêndida no terceiro andar. Uma vista excelente para os jardins.

— O senhor gosta dos jardins?

— Gosto de olhá-los.

Eu ri, mas ele estava completamente sério.

Chegamos a um par de portas abertas, e mesmo do corredor dava para sentir o ar fresco. Nada além de velas iluminava a sala, e achei que meu coração explodiria de tanta felicidade. Cheguei até a tocar meu peito para ver se tudo ainda estava intacto.

Três janelas enormes estavam abertas, e suas cortinas ondulavam com o soprar da brisa. Na frente da janela central, havia uma mesinha com um lindo arranjo de flores e duas cadeiras. Ao lado, um carrinho com ao menos oito tipos de sobremesa.

— Primeiro as damas — disse ele, apontando para o carrinho.

Eu não conseguia parar de sorrir à medida que me aproximava. Estávamos a sós. Ele tinha preparado aquilo para mim. Era a realização de todos os meus sonhos de menina.

Tentei focar no que estava diante de mim. Vi chocolates, mas cada um tinha um formato diferente, e eu não fazia ideia dos recheios. Tortinhas com chantili e aroma de limão estavam empilhadas ao fundo, enquanto na minha frente havia uma série de doces em massa folhada cobertos com alguma coisa.

— Não sei como escolher — confessei.

— Então não escolha — disse Clarkson pegando um prato e botando nele um doce de cada tipo. Ele pôs o prato sobre a mesa e puxou a cadeira. Me aproximei e o deixei empurrar a cadeira para mim. Fiquei então à espera de que fizesse o próprio prato.

Quando o príncipe terminou de se servir, comecei a rir de novo.

— É o suficiente? — provoquei.

— Gosto de torta de morango — ele argumentou. Havia provavelmente umas cinco delas empilhadas diante dele. — Então você é Quatro. O que faz da vida? — perguntou, para em seguida dar uma garfada numa das sobremesas e levar à boca.

— Sou agricultora — respondi, enquanto brincava com um chocolate no prato.

— Você quer dizer que tem uma fazenda?

— Mais ou menos.

Ele baixou o garfo e me encarou.

— Meu avô tinha uma plantação. Ele a deixou para o meu tio, porque ele é o mais velho, então meu pai, minha mãe, meus irmãos e eu trabalhamos lá — confessei.

Ele ficou em silêncio por uns instantes.

— Mas... o que você faz exatamente? — perguntou, finalmente.

Deixei o chocolate cair de volta no prato e apoiei as mãos no colo.

— Em geral, trabalho na colheita. E ajudo a separar os grãos.

Ele voltou a fazer silêncio.

— Costumava ficar escondida entre as montanhas... a fazenda, quero dizer. Mas agora muitas estradas passam por lá. O que torna mais fácil transportar as coisas, mas aumenta a fumaça. Minha família e eu vivemos em...

— Pare.

Baixei os olhos. Não dava para mentir sobre minha ocupação.

— Você é Quatro, mas faz o trabalho de uma Sete? — ele perguntou em voz baixa.

Confirmei com a cabeça.

— Já comentou isso com alguém?

Pensei nas minhas conversas com as outras garotas. Eu tendia a deixá-las falar de si mesmas. Tinha contado histórias sobre meus irmãos e gostava muito de saber dos programas de TV que as outras assistiam, mas jamais falara do meu trabalho.

— Não, acho que não.

Ele levantou o olhar para o teto e depois o fixou em mim.

— Nunca conte a ninguém o que você faz. Se alguém perguntar, sua família é dona de uma plantação de café que você ajuda a administrar. Seja vaga e nunca, jamais, deixe escapar que você realiza trabalhos manuais. Estamos claros?

— Sim, Alteza.

Ele me encarou por um longo momento, como que para reforçar a importância daquilo. Mas sua ordem já me bastava. Jamais deixaria de fazer algo que ele me pedisse.

O príncipe voltou a comer, cortando as sobremesas com um pouco mais de agressividade que antes. Já eu estava nervosa demais para sequer tocar na comida.

— Acaso o ofendi, Alteza?

Ele se endireitou na cadeira e inclinou a cabeça.

— Por que raios você pensaria isso?

— O senhor parece... irritado.

— Garotas são tão tolas... — ele resmungou consigo mesmo. — Não, você não me ofendeu. Gosto de você. Por que acha que estamos aqui?

— Para o senhor me comparar com as Dois e Três e confirmar sua escolha de me mandar para casa.

Não era minha intenção desabafar assim. Era como se minhas maiores preocupações estivessem lutando por um espaço na minha cabeça, e uma delas tivesse enfim escapado. Baixei a cabeça outra vez.

— Amberly — ele sussurrou. Levantei o olhar por baixo dos cílios. Um sorriso esboçava-se em seu rosto à medida que ele estendia a mão sobre a mesa. Cuidadosamente, como se a magia fosse acabar assim que ele tocasse minha pele áspera, pus a mão sobre a dele. — Não vou mandar você para casa. Não hoje.

Meus olhos marejaram, mas pisquei para segurar as lágrimas.

— Estou numa situação única — ele se explicou. — Apenas tento compreender os prós e os contras de cada uma das minhas opções.

— E o fato de eu fazer o trabalho de uma Sete é um contra, suponho?

— Com certeza — ele replicou, mas sem qualquer traço de maldade na voz. — Assim, pelo meu bem, isso fica entre nós — pediu, ao que assenti com a cabeça. — Mais algum segredo que você queira compartilhar?

Ele puxou a mão devagar e tornou a cortar sua comida. Tentei fazer o mesmo.

— Bom, o senhor já sabe que eu fico doente de tempos em tempos.

— Sim — Clarkson confirmou depois de uma pausa. — O que se passa, afinal?

— Não sei ao certo. Sempre tive problemas com enxaquecas, e às vezes cansaço. As condições em Hondurágua não são das melhores.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Amanhã, depois do café, em vez de ir ao Salão das Mulheres, vá à ala hospitalar. Quero que o doutor Mission lhe faça um exame

completo. Se você precisar de qualquer coisa, tenho certeza de que ele será capaz de ajudar.

— Claro.

Finalmente consegui comer um bocado da massa folhada; fiquei com vontade de suspirar de tão gostosa que estava. Sobremesas eram raridade em casa.

— E você tem irmãos?

— Sim, um irmão mais velho e duas irmãs mais velhas.

Ele franziu a testa.

— Soa um pouco... lotado.

Achei graça.

— Às vezes. Eu dividia a cama com Adele em casa. Ela é dois anos mais velha que eu. Tem sido tão estranho dormir sem ela que às vezes coloco uma pilha de travesseiros do meu lado para criar uma ilusão.

— Mas agora todo aquele espaço é seu — ele comentou, balançando a cabeça.

— Sim, mas não estou acostumada. Não estou acostumada a nada disso. A comida é estranha. As roupas são estranhas. Até o cheiro é diferente aqui, mas não sei dizer direito qual é.

Ele baixou os talheres.

— Você quer dizer que a minha casa cheira mal?

Por um segundo, fiquei preocupada por talvez tê-lo ofendido, mas em seus olhos brilhava uma minúscula centelha de brincadeira.

— Nada disso! Mas é diferente mesmo. Parece que os livros antigos, a grama e sei lá que produto as criadas usam se misturam todos. Queria engarrifar o cheiro para tê-lo sempre comigo.

— De todos os souvenirs possíveis, esse é de longe o mais curioso que já ouvi — ele comentou, brincalhão.

— O senhor gostaria de um souvenir de Hondurágua? Temos uma poeira excelente.

De novo, ele endureceu os lábios para esconder o sorriso, aparentemente ainda receoso de rir abertamente.

— É muita generosidade — comentou. — Estou sendo rude fazendo todas essas perguntas? Há algo que você queira saber de mim?

Arregalei os olhos.

— Tudo! Do que o senhor mais gosta no trabalho? Em que lugares do mundo já esteve? Já ajudou o rei a elaborar alguma lei? Qual é a sua cor favorita?

Ele balançou a cabeça e esboçou outro daqueles quase-sorrisos arrasadores.

— Azul, azul-marinho. E já visitei praticamente qualquer país do planeta que você puder imaginar. Meu pai quer que eu tenha uma educação cultural bem ampla. Illéa é uma grande nação, mas jovem, no fim das contas. O próximo passo para assegurar nossa posição global é fazer alianças com países mais consolidados. — Soltou uma risada baixa e sombria para si mesmo antes de concluir: — Às vezes acho que meu pai queria que eu fosse mulher para me arranjar um casamento que garantisse mais alianças.

— É tarde demais para seus pais tentarem de novo, imagino?

Seu sorriso vacilou.

— Acho que a hora já passou faz tempo.

Havia algo mais na sua resposta, mas não quis me intrometer.

— A minha parte favorita do trabalho é a estrutura. Há ordem. Alguém põe um problema diante de mim, e eu encontro um modo de resolver. Não gosto de coisas em aberto ou inacabadas, embora geralmente isso não seja um problema para mim. Sou o príncipe, e um dia serei rei. Minha palavra é lei.

Seus olhos brilhavam de contentamento enquanto falava. Era a primeira vez que o via entusiasmado daquele jeito. E dava para entender. Embora não desejasse o poder para mim, compreendia seu apelo.

Ele continuou a me encarar, e senti um calor tomar meu corpo. Talvez por estarmos sozinhos, ou por ele aparentar tanta segurança, mas de repente senti sua presença de um jeito intenso. A sensação era como se cada nervo do meu corpo estivesse preso a cada nervo do corpo dele. Estávamos ali, sentados, e uma estranha eletricidade preenchia a sala. Clarkson traçava círculos na mesa com o dedo, negando-se a desviar o olhar. Minha respiração acelerou, e quando deixei meu olhar cair para o seu peito, parecia que o dele tinha feito o mesmo.

Eu via suas mãos se moverem. Pareciam determinadas, curiosas, nervosas... uma lista de palavras formou-se na minha cabeça enquanto observava as pequenas rotas que seus dedos traçavam na mesa.

Sonhei com ele me beijando, claro, mas um beijo raramente fica nisso. Com certeza ele seguraria minhas mãos, minha cintura ou meu queixo. Pensei em meus dedos, ainda ásperos dos anos de trabalho, e me preocupei com o que ele acharia se o tocasse novamente. Na hora, era o que eu mais queria.

Ele limpou a garganta e olhou para o lado, quebrando o momento.

— Acho que devo acompanhá-la de volta até o quarto. É tarde.

Apertei os lábios e desviei o olhar. Eu assistiria o nascer do sol ao lado dele se me pedisse.

O príncipe levantou, e o segui até o corredor principal. Não sabia ao certo o que pensar do nosso breve e tardio encontro. Para ser honesta, pareceu mais uma entrevista. A ideia me fez rir, e ele se virou para mim.

— Qual é a graça?

Considerarei a possibilidade de dizer que não era nada. Mas queria que ele me conhecesse, e isso implicava superar o nervosismo.

— Bem... — hesitei. *É assim que as pessoas se conhecem, Amberly. Fale.* — O senhor disse que gosta de mim... mas mal me conhece. É assim que o senhor costuma tratar as garotas de quem gosta? Interrogando-as?

Ele revirou os olhos, sem irritação, mas como se eu já devesse ter entendido.

— Você esquece que, até pouco tempo atrás, eu nunca...

O estrondo de uma porta sendo aberta de repente atropelou a conversa. Reconheci a rainha no ato. Estava prestes a fazer uma reverência quando Clarkson me empurrou até outro corredor.

— Não dê as costas para mim! — a voz do rei ressoava pelo andar.

— Eu me recuso a falar com você desse jeito — replicou a rainha, as palavras levemente arrastadas.

Clarkson me envolveu nos braços, protegendo-me ainda mais. Mas eu suspeitava que ele precisava mais do meu abraço do que o contrário.

— Seus gastos este mês foram ultrajantes! — rugiu o rei. — Você não pode continuar desse jeito. É o tipo de comportamento que joga este país nas mãos dos rebeldes!

— Ah, não, querido! — reagiu ela com a voz repleta de uma doçura fingida. — Joga *você* nas mãos dos rebeldes. E acredite: ninguém vai sentir sua falta quando isso acontecer.

— Volte aqui, sua vadia conspiradora!

— Porter, me solte!

— Se você acha que é capaz de me derrubar com um punhado de vestidos caros, está muito enganada.

Veio o som de um deles estapeando o outro. Clarkson me soltou imediatamente. Ele agarrou a maçaneta de uma das portas e girou: trancada. Passou para a próxima, que estava aberta. Então me agarrou pelo braço e me arrastou para dentro, fechando a porta atrás de nós.

Ele começou a andar de um lado para o outro, puxando os próprios cabelos como se quisesse arrancá-los. Depois foi até o sofá, pegou uma almofada e a desfez em pedaços. Quando terminou, fez o mesmo com outra.

Espatifou uma mesinha de canto.

Atirou vários vasos contra a cantaria da lareira.

Rasgou as cortinas.

Enquanto isso, eu permanecia com o corpo colado à parede, tentando me fazer invisível. Talvez eu devesse ter saído correndo ou buscado ajuda. Mas achei que não poderia deixá-lo sozinho, não daquele jeito.

Quando parecia ter extravasado a maior parte da raiva, Clarkson se lembrou da minha presença. Ele cruzou o cômodo com passos fortes e parou na minha frente, com um dedo apontado para o meu rosto.

— Se algum dia contar a alguém o que ouviu, ou o que eu fiz...

Eu, porém, comecei a balançar a cabeça antes de ele concluir.

— Clarkson...

Com as lágrimas de raiva reluzindo em seus olhos, ele continuou:

— Jamais deixe isso escapar, entendeu?

Ergui as mãos em direção ao seu rosto, e o corpo dele se contraiu. Fiz uma pausa e tentei novamente, com movimentos ainda mais lentos. Suas bochechas estavam quentes, levemente recobertas de suor.

— Não há nada que contar — prometi.

Sua respiração estava acelerada.

— Por favor, sente — pedi. Ele hesitou. — Apenas por um instante. Ele assentiu.

Eu o conduzi até uma cadeira e sentei ao lado dele no chão.

— Ponha a cabeça entre os joelhos e respire.

Ele me dirigiu um olhar de questionamento, mas obedeceu. Pus a mão em sua nuca e corri os dedos pelo seu cabelo e pescoço.

— Odeio os dois — sussurrou ele. — Odeio.

— Shhh. Tente se acalmar.

Ele levantou os olhos.

— É sério. Odeio os dois. Quando for rei, vou mandá-los embora.

— Tomara que não para o mesmo lugar — murmurei.

Ele tomou fôlego. E então riu. Uma gargalhada profunda e autêntica, do tipo que não conseguimos interromper mesmo se quisermos. Então ele era capaz de rir. O riso estava lá, enterrado sob todas as outras coisas que ele precisava sentir, pensar e controlar. Ele passou a fazer muito mais sentido, e a partir de então eu valorizaria ainda mais seus sorrisos. Cada um deles devia dar tanto trabalho.

— É um milagre eles não terem destruído o palácio — comentou o príncipe, acalmando-se afinal.

Apesar do risco de fazê-lo perder as estribeiras de novo, ousei perguntar:

— Sempre foi assim?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Bom, não muito quando eu era pequeno. Agora, porém, já não se suportam. Nunca entendi de onde veio isso. Ambos são fiéis. Ou, se têm casos, escondem muito bem. Têm tudo de que precisam, e minha vó dizia que se amavam muito antes. Não faz sentido.

— É uma situação difícil. A deles. A sua. Talvez estejam sentindo o peso — supus.

— Então é isso? Serei como ele, minha esposa como ela, e acabaremos por desmoronar?

Levantei o braço e toquei seu rosto novamente. Ele não se contraiu dessa vez. Em vez disso, inclinou-se para mais perto. Embora seus olhos ainda estivessem repletos de preocupação, o gesto pareceu acalmá-lo de verdade.

— Não. Você não precisa ser nada que não quiser. Gosta de ordem? Então planeje, prepare. Imagine o rei, o marido e o pai que quer ser e faça tudo o que for necessário para chegar lá.

Ele me encarou, quase com pena.

— Chega a ser bonito você achar que isso basta.



Nunca tinha feito um exame médico antes. Imaginei que, se me tornasse princesa, isso provavelmente se tornaria uma parte constante da minha vida, o que me horrorizava.

Doutor Mission era gentil e paciente, mas mesmo assim não me sentia muito à vontade de deixar um estranho me ver sem roupa. Ele colheu sangue, fez inúmeros raios X e examinou meu corpo inteiro à procura de algum detalhe que pudesse ter escapado.

Saí de lá exausta. Claro, eu não tinha dormido bem, o que não ajudou. O príncipe Clarkson me deixara à porta do quarto com um beijo na mão. E entre a emoção daquele gesto e a preocupação com seus sentimentos, levei uma eternidade para pegar no sono.

Adentrei o Salão das Mulheres meio receosa de olhar nos olhos da rainha Abby. Preocupava-me a possibilidade de ela ter alguma marca visível no corpo. Claro: podia ter sido ela a bater no rei. E eu não tinha certeza se queria saber.

Mas tinha certeza de que não queria que ninguém mais soubesse.

A rainha não estava, então fui sentar ao lado de Madeline e Bianca.

— Ei, Amberly. Onde você esteve de manhã? — Bianca perguntou.

— Doente de novo? — emendou Madeline.

— Sim, mas estou bem melhor agora. — Eu não sabia se o exame deveria ser segredo ou não, mas julguei que era melhor manter a discrição.

— Ótimo, porque você perdeu o que aconteceu! — Madeline sussurrou inclinando-se na minha direção. — Há rumores de que Tia

dormiu com Clarkson essa noite.

Meu coração parou.

— O quê?

— Olhe para ela — disse Bianca, lançando um olhar por cima do ombro na direção de Tia, que estava sentada com Pasha e Marcy ao lado da janela. — Veja como está convencida.

— É contra as regras — eu disse. — É contra *a lei*.

— Nada a ver — cochichou Bianca. — Você o rejeitaria?

Pensei no modo como ele me olhara na noite anterior, o modo como seus dedos deslizavam na superfície da mesa. Bianca tinha razão: eu não teria dito não.

— Mas é verdade? Ou só boato? — perguntei. Afinal, ele passara parte da noite comigo. Não toda, porém. Havia bastante tempo entre a nossa despedida e o café da manhã.

— Ela tem se mantido bem reservada quanto a isso — retomou Madeline.

— Bom, não é mesmo da nossa conta — concluí, para em seguida pegar as cartas de baralho que as duas tinham espalhado na mesa e começar a embaralhar.

Bianca jogou a cabeça para trás e soltou um suspiro alto, ao passo que Madeline pôs a mão sobre a minha e disse:

— É da nossa conta sim. Muda o jogo inteiro.

— Isto não é um jogo — respondi. — Não para mim.

Madeline estava a ponto de dizer mais, mas as portas se escancararam. A rainha Abby surgiu na entrada, parecendo furiosa.

Se havia algum machucado em seu corpo, ela tinha escondido muito bem.

— Quem de vocês é Tia? — quis saber.

O salão inteiro olhou em direção à janela onde Tia estava sentada, imóvel e pálida como uma folha de papel.

— E então? — insistiu a rainha.

Tia levantou a mão devagar, e a rainha marchou até ela com sangue nos olhos. Eu esperava que, fosse qual fosse a bronca que Tia estava prestes a levar, a rainha a retiraria do salão antes. Infelizmente, não foi o caso.

— Você dormiu com meu filho? — ela perguntou, sem qualquer preocupação em ser discreta.

— Majestade, é só um boato — sua voz mal passava de um ruído, mas o salão se calou de tal forma que eu podia até ouvir a respiração de Madeline ao meu lado.

— Que você não fez nada para desmentir!

Tia gaguejou. Começou cinco frases diferentes antes de escolher uma:

— Os boatos morrem quando os deixamos correr. Negar veementemente sempre implica culpa.

— E você nega ou não?

Encurralada.

— Não dormi com ele, minha rainha.

Não importava se era verdade ou mentira: o destino de Tia estava selado antes mesmo de ela abrir a boca.

A rainha Abby agarrou Tia pelo cabelo e começou a arrastá-la em direção à porta.

— Você vai embora já!

Entre gritos de dor, Tia protestou:

— Mas só o príncipe Clarkson pode fazer isso, Majestade. Está nas regras.

— Não se comportar como uma vadia também está nas regras! — rebateu a rainha. Tia mal conseguia se manter de pé, de modo que a rainha literalmente a levantava pelo cabelo. Aos tropeços, a garota

tentava acompanhar o ritmo da rainha Abby, que com um empurrão a atirou no chão do corredor. — FORA DAQUI!

A monarca bateu a porta e logo se virou para o resto de nós. Correu os olhos afiados pelos nossos rostos por um bom tempo, para garantir que nos intimidássemos com seu poder.

— Vou deixar uma coisa bem clara — ela começou calmamente, flanando devagar por entre cadeiras e sofás ocupados pelas garotas, com um ar ao mesmo tempo glorioso e terrível. — Se alguma pirralha aqui pensa que pode entrar na minha casa e tomar minha coroa, está muito enganada. — A rainha agora estava parada na frente de um grupinho perto da parede. — E se vocês acham que podem agir como lixo e ainda assim levar o trono, não perdem por esperar.

Então, enterrando o dedo no rosto de Piper, concluiu:

— Não vou tolerar nada disso!

A força do gesto foi suficiente para jogar a cabeça de Piper para trás, mas ela não reagiu à dor até a rainha Abby se afastar.

— Sou a rainha. E sou amada. Se vocês querem casar com meu filho e viver na minha casa, vão se comportar como eu mandar. Serão obedientes. Refinadas. E silenciosas.

Ela se enfiou por entre as mesas e parou diante de mim, Bianca e Madeline.

— De agora em diante, vocês só precisam aparecer, sentar e sorrir.

Nossos olhares se encontraram quando ela terminou de falar e, tolamente, achei que fosse uma ordem. Então sorri. A rainha não ficou satisfeita. Pelo contrário, deu um passo para trás e arrancou o sorriso de meu rosto com um tapa.

Soltei um gemido e caí na mesa. Não ousei me mexer.

— Vocês têm dez minutos para sair daqui. As próximas refeições do dia serão servidas no quarto. Não quero ouvir um pio de

nenhuma de vocês.

Ouvi a porta se fechar, mas ainda precisei ter certeza:

— Ela já foi?

— Sim. Você está bem? — Madeline perguntou tomando o assento à minha frente.

— Parece que meu rosto explodiu. — Levantei a cabeça, mas o inchaço fazia meu corpo todo latejar.

— Minha nossa! — gritou Bianca. — Dá para ver a marca da mão dela.

— Piper? — chamei. — Onde está Piper?

— Aqui — ela respondeu entre lágrimas, já caminhando na minha direção.

— Tudo bem com seu rosto? — perguntei.

— Dói um pouco.

Ela passou a mão na região que a rainha tinha machucado e pude ver a marca da unha.

— Ficou uma marquinha, mas um pouco de maquiagem deve cobrir.

Ela caiu em meus braços e ficamos abraçadas.

— O que deu nela? — perguntou Nova. Suas palavras expressavam o pensamento de todas nós.

— Talvez ela queira proteger demais a família — Skye sugeriu.

Cordaye bufou.

— Até parece que não vemos o quanto ela bebe. Dava para sentir o cheiro.

— Ela sempre é tão simpática na TV... — Kelsa cruzou os braços, confusa com toda a situação.

— Ouçam — falei —, uma de nós vai descobrir como é ser rainha. Mesmo de fora, a pressão parece insuportável. — Fiz uma pausa para esfregar a bochecha, que queimava. — Por ora, acho que todas

deveríamos evitar a rainha o máximo possível. E não mencionar isso a Clarkson. Falar mal da mãe dele, independente do que ela tenha feito, não será nada bom para nós.

— E você acha que devemos simplesmente ignorar o que aconteceu? — Neema perguntou, ultrajada.

Dei de ombros.

— Não posso obrigá-las, mas é o que farei.

Puxei Piper para perto novamente. Todas permanecemos lá, em silêncio. A minha esperança no começo da competição era formar laços com aquelas garotas por causa de nossas músicas favoritas ou dos truques de maquiagem que uma ensinaria à outra. Jamais imaginara que seria um medo em comum a nos unir como irmãs.



Decidi jamais perguntar a ele. Se o príncipe Clarkson teve momentos íntimos com Tia, eu não queria saber. E se não teve e eu perguntasse, estaria quebrando nossa confiança antes mesmo de tê-la consolidado. O mais provável era que tudo não passava de um boato, iniciado pela própria Tia a fim de nos intimidar. E vimos aonde isso a levou.

Era melhor ignorar essas coisas.

O que eu não conseguia ignorar era a dor latejante no rosto. Horas depois de a rainha ter me batido, minha bochecha ainda pulsava de dor.

— Hora de trocar o gelo — Emon disse ao me entregar outra bolsa.

— Obrigada — agradei, devolvendo a antiga.

Quando voltei ao quarto implorando por algo para amenizar a dor, minhas criadas perguntaram qual das Seleccionadas havia me batido, jurando denunciar imediatamente ao príncipe. Respondi várias vezes que não havia sido nenhuma das garotas. Uma criada jamais teria feito isso. E elas sabiam que eu tinha passado a manhã inteira no Salão das Mulheres, o que deixava apenas uma opção.

Elas não precisaram confirmar. Já sabiam.

— Quando fui pegar gelo, ouvi que a rainha vai tirar umas férias curtas sozinha semana que vem — Martha comentou, sentando no chão ao lado da cama. Eu estava sentada diante da janela, com a visão dividida igualmente entre a muralha do palácio e o céu aberto.

— É mesmo?

Ela sorriu.

— Parece que o número de visitantes exigiu muito de seus nervos, então o rei lhe pediu para tirar uns dias de descanso.

Revirei os olhos. Ele tinha gritado com ela por causa de vestidos caros para em seguida lhe dar férias. Mas eu não podia reclamar. Uma semana longe dela seria o paraíso naquele momento.

— Ainda dói? — perguntou Martha.

Desviei o olhar e fiz que sim com a cabeça.

— Não se preocupe, senhorita. Até o final do dia vai ter passado.

Quis contar que a dor não era o verdadeiro problema. Minha preocupação real era que aquele tinha sido um dos sinais de que a vida de princesa poderia ser, na melhor das hipóteses, desafiadora. Na pior, seria horrível.

Eu repassava aquilo que sabia: o rei e a rainha se amaram até determinado ponto, mas agora se esforçavam para conter o ódio. A rainha era uma alcoólatra obcecada pela coroa. O rei, no mínimo, estava à beira de um ataque de nervos. E Clarkson...

Clarkson fazia o máximo para parecer resignado, calmo e controlado. Mas debaixo dessa aparência, havia um riso infantil. E era um milagre que o príncipe conseguisse juntar os pedaços quando se despedaçava.

Não que eu ignorasse o que é sofrimento. Eu trabalhava até a exaustão. Suportava um calor escaldante. Apesar de ser Quatro, o que deveria me garantir algum nível de segurança, vivia à beira da pobreza.

A vida de princesa seria uma nova dificuldade para enfrentar. Isso, claro, se o príncipe Clarkson me escolhesse.

Mas se eu fosse escolhida significaria que ele me amava, certo? E será que tudo não valeria a pena então?

— No que a senhorita está pensando? — Martha perguntou.

Abri um sorriso e peguei sua mão.

— No futuro. O que não adianta nada, acho. O que tiver de ser será.

— A senhorita é doce. Ele vai tirar a sorte grande se a escolher.

— E eu se for escolhida.

Era verdade. Ele sempre foi tudo o que eu desejei. Eram as coisas que vinham junto que me assustavam.

Danica calçou outro sapato de Bianca.

— Serve direitinho! Muito bem, levo esse e você fica com o meu azul.

— Feito — Bianca disse ao apertar a mão de Danica sorrindo de orelha a orelha.

Ninguém nos dissera para ficar longe do Salão das Mulheres pelo resto da semana, mas todas as garotas optaram por isso. Em vez de ir ao salão, formávamos grupos e passávamos de um quarto a outro para provar as roupas das outras e conversar como sempre.

Com uma exceção: sem a rainha por perto, as garotas se transformaram em... bem, em garotas. Todo mundo parecia mais leve. Em vez de se preocupar com o protocolo ou com as boas maneiras de uma dama, nos demos o direito de sermos as garotas que éramos antes de nossos nomes terem sido sorteados, as garotas que éramos em casa.

— Danica, acho que vestimos quase o mesmo tamanho. Aposto que tenho vestidos que combinam com esse sapato — propus.

— Imagino que sim. Você ficou com uma das equipes boas. Cordaye também. Você viu as coisas que as criadas dela fazem?

Soltei um suspiro. Não sei como, mas as criadas de Cordaye faziam o tecido ter um caimento que não via em mais ninguém. Os vestidos de Nova também estavam um patamar acima dos outros. Me perguntei se a vencedora da Seleção poderia escolher as próprias

criadas. Eu dependia tanto de Martha, Cindly e Emon que não era capaz de me imaginar no palácio sem elas.

— Sabem o que é mais estranho? — perguntei a todas.

— O quê? — Madeline disse enquanto revirava a caixa de joias de Bianca.

— Um dia as coisas não serão mais assim. No final, uma de nós ficará aqui sozinha.

Danica sentou ao meu lado na mesa de Bianca.

— Eu sei. Acha que esse é um dos motivos para a rainha ter tanta raiva? Talvez tenha ficado muito tempo sozinha.

Madeline balançou a cabeça.

— Acho que é uma escolha. Ela poderia convidar qualquer pessoa para vir ficar no palácio se quisesse. Poderia trazer uma família inteira para morar no palácio se fosse do seu agrado.

— Não se isso incomodasse o rei — replicou Danica.

— Verdade — concordou Madeline, já de volta à caixa de joias. — Não consigo captar muito o rei. Ele é meio alheio a tudo. Você acha que Clarkson vai ser assim?

— Não — respondi, rindo comigo mesma. — Clarkson tem sua própria personalidade.

Ninguém acrescentou mais nada. Levantei o olhar e deparei com um sorriso malicioso nos lábios de Danica.

— O que foi?

— Você está enfeitada — comentou, quase com pena de mim.

— O que quer dizer?

— Se apaixonou por ele. Pode descobrir amanhã que ele chuta cachorrinhos por diversão e ainda assim vai continuar a suspirar.

Me endireitei um pouco na cadeira.

— Ele pode ser meu marido. Será que não deveria amá-lo?

Madeline caiu no riso, e Danica insistiu:

— Ah, claro, mas o modo como você age... Parece apaixonada por ele desde sempre.

Fiquei vermelha e tentei não pensar na vez em que roubei moedas da bolsa da minha mãe para comprar um selo com o rosto dele. Eu ainda o tinha, colado em um papelão que usava como marcador de página.

— Eu o respeito — argumentei. — Ele é o príncipe.

— É mais que isso. Você levaria um tiro por ele se necessário.

Não respondi.

— Você levaria mesmo! Meu Deus!

Levantei.

— Vou pegar alguns vestidos. Já volto.

Tentei não me assustar com os pensamentos na minha cabeça. Porque se precisasse escolher entre Clarkson e mim, não sei se seria capaz de me colocar em primeiro lugar. Ele era o príncipe, e sua vida tinha um valor inestimável para o país. Mais que isso, tinha um valor inestimável para mim.

Dei de ombros na tentativa de afastar o pensamento.

Afinal, não era como se isso fosse acontecer algum dia.



Sempre levava um tempo para me adaptar às luzes cegantes do estúdio. E havia também o peso do vestido cravejado de pedras que minhas criadas insistiram para eu usar. As duas coisas somadas tornavam a hora do *Jornal Oficial* quase insuportável.

O novo repórter entrevistava as garotas. Ainda havia muitas remanescentes, então era fácil passar despercebida. Naquele momento, essa era minha meta. Por outro lado, se eu precisasse responder alguma pergunta, pelo menos ela viria de Gavril Fadaye.

O antigo apresentador, Barton Allory, se aposentou na noite em que as novas candidatas da Seleção foram reveladas, dividindo o momento com seu substituto, escolhido a dedo. Apenas vinte e dois anos, parte de uma respeitável linhagem de Dois e dono de uma personalidade radiante: era fácil gostar de Gavril. Fiquei triste por ver Barton partir... mas nem tanto.

— Senhorita Piper, na sua opinião, qual é o papel principal de uma princesa? — Gavril perguntou. O brilho intenso de seus dentes fez Madeline cutucar meu braço para chamar minha atenção.

Piper abriu um sorriso vitorioso e respirou fundo uma vez. Então duas vezes. E então o silêncio começou a ficar constrangedor.

Foi então que me dei conta: todas ficaríamos um pouco aterrorizadas com aquela pergunta. Lancei um olhar em direção à rainha, que sairia correndo assim que desligassem as câmeras. Ela observava Piper como se a desafiasse a falar depois daquela ordem para que ficássemos em silêncio.

Conferi o monitor: era doloroso assistir à cara de sofrimento da garota.

— Piper? — Pasha, que sentava ao seu lado, sussurrou.

Por fim, Piper acabou por balançar a cabeça.

Os olhos de Gavril revelavam que ele estava à procura de um jeito de salvar a situação. Barton com certeza saberia o que fazer, mas Gavril era novo demais no cargo.

Levantei a mão, e Gavril ficou grato ao me ver.

— Tivemos uma conversa tão longa sobre isso outro dia que acho que Piper não sabe nem por onde começar — falei entre risos, imitados por outras garotas. — Todas concordamos que nosso primeiro dever é para com o príncipe. Servi-lo é servir Illéa. Pode parecer uma descrição estranha para o cargo, mas fazer nossa parte permite que o príncipe faça a dele.

— Muito bem colocado, senhorita Amberly. — Gavril sorriu para em seguida passar para a próxima pergunta.

Não olhei para a rainha. Em vez disso, tratei de me endireitar no assento à medida que outra enxaqueca começava a despontar. Será que eram provocadas pelo estresse? Mas se fosse assim, então por que às vezes surgiam do nada?

Notei pelos monitores que as câmeras não estavam focadas em mim nem na minha fileira. Então me permiti esfregar um pouco a testa. No fim das contas, pelo menos minhas mãos estavam ficando mais suaves. Queria apoiar a cabeça no braço, mas não era possível. Mesmo que a falta de modos fosse perdoável, o vestido não me permitia dobrar tanto o corpo.

Mantive a postura e foquei em minha respiração. A dor crescia firme e forte, mas me esforcei para permanecer ereta. Já tinha lidado com a doença antes e em situações muito piores. *Isso não é nada*, disse a mim mesma. *Só preciso ficar sentada.*

As perguntas pareceram durar para sempre, ainda que Gavril não tivesse falado com todas as garotas. Uma hora as câmeras pararam de rodar, mas lembrei que ainda não era o fim. Antes de voltar para o quarto, ainda precisava ir para o jantar, que durava mais ou menos uma hora.

— Você está bem? — Madeline perguntou.

Fiz que sim com a cabeça.

— Um pouco cansada.

Ouvimos o som de risos e nos viramos para ver de onde vinha: o príncipe Clarkson conversava com algumas garotas da primeira fila.

— Gostei do cabelo dele esta noite — comentou Madeline.

Ele levantou o dedo para as senhoritas para interromper a conversa e contornou a multidão com os olhos em mim. Fiz uma breve reverência à medida que ele se aproximava e, quando fui levantar, senti sua mão em minhas costas, puxando-me para si e escondendo nossos rostos de olhares alheios.

— Você está doente?

Deixei escapar um suspiro.

— Tentei esconder. Estou com a cabeça latejando. Só preciso deitar.

— Tome meu braço — disse, oferecendo o cotovelo para que eu passasse a mão em torno dele. — Sorria.

Curvei os lábios. Apesar do desconforto, era mais fácil ao lado dele.

— É muito gentil da sua parte me dar o prazer de sua presença — ele comentou em voz alta o suficiente para que as garotas mais próximas pudessem ouvir. — Estou tentando lembrar qual é sua sobremesa predileta.

Não respondi, mas continuei a parecer feliz enquanto saíamos do estúdio. Desmanchei o sorriso assim que cruzamos a porta. Quando

chegamos ao fim do corredor, Clarkson me pegou no colo.

— Vou levá-la ao médico.

Apertei os olhos. Sentia náuseas de novo e meu corpo inteiro parecia encharcado de suor. Contudo, ficava mais confortável em seus braços do que em qualquer cadeira ou cama. Apesar de toda a tontura, estar aninhada com a cabeça em seu ombro era a melhor sensação do mundo.

Havia uma enfermeira nova na ala hospitalar, mas tão gentil que ajudou Clarkson a me botar em um leito e apoiar minhas pernas sobre um travesseiro.

— O doutor está dormindo — ela avisou. — Passou a noite e quase o dia inteiro de pé ajudando no parto de duas criadas. Dois meninos! Um depois do outro! Só quinze minutos de diferença.

A notícia feliz me fez sorrir.

— Não precisa incomodá-lo — falei. — É só uma enxaqueca que vai passar.

— Besteira — emendou Clarkson. — Chame uma criada para servir nosso jantar aqui. Esperaremos o doutor Mission.

A enfermeira concordou com a cabeça e se retirou.

— Não precisa fazer isso — cochichei. — Ele teve uma noite dura, e vou ficar bem.

— Eu seria omissos se não garantisse que você recebesse os cuidados adequados.

Na minha cabeça, tentei transformar aquelas palavras em algo romântico, mas soavam mais como se ele se sentisse obrigado. Ainda assim, se quisesse, ele poderia ter ido comer com as outras. Em vez disso, escolheu ficar comigo.

Belisquei o jantar, para não parecer rude, mas minha cabeça ainda causava mal-estar. A enfermeira me trouxe alguns remédios, de modo que quando o doutor Mission apareceu — com o cabelo úmido

do chuveiro — eu já me sentia bem melhor. O latejar estava mais para uma leve palpitação do que para o badalar de um sino.

— Perdão pela demora, Alteza — ele se desculpou com uma reverência.

— Sem problemas — o príncipe respondeu. — Desfrutamos uma refeição adorável na sua ausência.

— Como está sua cabeça, senhorita? — perguntou o médico, já com os dedos no meu punho para verificar o pulso.

— Muito melhor. A enfermeira me deu alguns remédios que ajudaram muito.

O doutor sacou uma lanterninha e a acendeu em meus olhos.

— Talvez você devesse tomar algo diariamente. Sei que tenta resolver as enxaquecas depois que elas começam, mas talvez pudéssemos evitar que aparecessem. Não é certeza, mas verei o que posso lhe receitar.

— Obrigada — agradei, cruzando os braços sobre o colo. — Como estão os bebês?

O médico ficou radiante.

— Absolutamente perfeitos. Saudáveis e gordos.

Abri um sorriso ao pensar nas duas novas vidas que começavam no palácio naquele dia. Será que seriam grandes amigos? Cresceriam contando a todos a história de como nasceram tão perto um do outro?

— Por falar em bebês, gostaria de conversar sobre os resultados dos seus exames.

Todo o humor se esvaiu do meu rosto e meu corpo inteiro. Endireitei a postura para me preparar. Dava para ler em sua expressão que eu estava prestes a receber uma má notícia.

— Seus exames mostram várias toxinas diferentes na corrente sanguínea. Se ainda aparecem com tamanha intensidade depois de

semanas longe da sua província natal, meu palpite é que esses níveis eram muito mais altos quando você estava lá. Para algumas pessoas, isso não seria um problema. O corpo reage, se ajusta e pode viver sem quaisquer efeitos colaterais. Baseado no que você me contou sobre sua família, diria que é isso o que acontece com eles. Mas o nariz de uma de suas irmãs sangra de vez em quando, correto?

Confirmei com a cabeça.

— E você tem enxaquecas constantes?

Confirmei de novo.

— Suspeito que seu corpo seja incapaz de ignorar essas toxinas. Entre os exames e algumas informações pessoais que você me contou, acredito que esses acessos de cansaço, náusea e dor provavelmente continuarão pelo resto da sua vida.

Suspirei. Bom, aquilo não seria muito pior do que minha situação atual. E ao menos Clarkson não demonstrava incômodo com a minha condição.

— Também tenho motivos para me preocupar com sua saúde reprodutiva.

Encarei o doutor Mission estarecida. Pelo canto dos olhos, notei Clarkson se agitar na cadeira.

— Mas... por quê? Minha mãe teve quatro filhos. E tanto ela como meu pai vieram de famílias grandes. Eu só fico cansada, só isso.

Doutor Mission permaneceu calmo, clínico, como se não estivesse discutindo uma das questões mais íntimas da minha vida.

— Sim, e apesar de a genética ajudar, com base nos resultados, parece que seu corpo não seria... um habitat favorável para um feto. E qualquer criança que você venha a conceber... — ele fez uma pausa e desviou brevemente os olhos para o príncipe antes de voltar

a fixá-los em mim. — ... poderá ser incapaz de... determinadas tarefas.

Determinadas tarefas. Não inteligente o bastante, não saudável o bastante, não bom o bastante para ser príncipe.

Senti um nó no estômago.

— Tem certeza? — perguntei com a voz fraca.

Os olhos de Clarkson estavam fixos no médico à espera da confirmação. Imaginei tratar-se de uma informação vital para ele.

— Esse seria o melhor dos casos. Se você um dia for capaz de conceber.

— Com licença.

Pulei da cama, disparei rumo ao banheiro próximo à entrada da ala hospitalar, me enfiei em uma das cabines e vomitei tudo o que havia dentro do meu corpo.



Uma semana se passou. Clarkson não fizera nada além de me olhar de vez em quando. Meu coração estava partido. Acreditara tolamente que seria possível. Depois de superarmos o constrangimento da nossa primeira conversa, ele parecia desviar de seu caminho para me ver, para cuidar de mim.

Estava claro que isso havia acabado.

Tinha certeza de que logo Clarkson me mandaria embora. Meu coração sararia um tempo depois. Com sorte, conheceria alguém novo, e o que lhe diria? Ser incapaz de produzir um herdeiro valioso para o trono era algo hipotético, uma possibilidade distante. Mas ser incapaz de produzir um Quatro sequer? Era muito para suportar.

Comia apenas quando achava que as pessoas estavam olhando. Dormia apenas quando não aguentava mais o cansaço. Meu corpo não ligava para mim, então por que eu ligaria para ele?

A rainha voltou das férias, as edições do *Jornal* continuavam, os intermináveis dias de sentar e sorrir emendavam-se uns nos outros. Nada disso me importava.

Eu estava no Salão das Mulheres, sentada à janela. O sol me fazia lembrar de Hondurágua, embora o clima fosse mais seco em Angeles. Imóvel, em oração, implorava a Deus para que Clarkson me mandasse de volta para casa. Estava envergonhada demais para escrever à minha família e contar as más notícias, mas estar cercada de todas aquelas garotas e suas aspirações de escalar castas piorava

tudo. Eu tinha limites. Não podia ter essa esperança. Pelo menos em casa não precisaria pensar mais nisso.

Madeline se aproximou por trás e acariciou minhas costas.

— Está tudo bem?

Forcei um sorriso débil.

— Só cansada. Sem novidades.

— Certeza? — insistiu, ajeitando o vestido para sentar. — Você parece... diferente.

— Quais são suas metas de vida, Madeline?

— Como assim?

— Quais são seus sonhos? Se você pudesse obter o máximo da vida, o que pediria?

Ela sorriu, pensativa.

— Seria a nova princesa, claro. Com milhões de admiradores e festas todos os finais de semana e Clarkson na coleira. Você não desejaria o mesmo?

— É um lindo sonho. Agora, se você fosse pedir *o mínimo* da vida, o que pediria?

— O mínimo? Por que alguém iria querer o mínimo? — ela brincou, sem compreender.

— Mas não deveria haver um mínimo? Não deveria haver um mínimo aceitável que a vida nos desse? É demais pedir um emprego que você não odeie, ou alguém para chamar de seu de verdade? É demais pedir um filho? Mesmo um filho que alguns consideram defeituoso? Será que eu não poderia ter ao menos isso? — Minha voz vacilou, e levei os dedos à boca, como se meus ossos frágeis fossem capazes de conter a dor.

— Amberly — sussurrou Madeline. — O que houve de errado?

Balancei a cabeça.

— Não é nada, só preciso descansar.

— Você não deveria estar aqui agora. Vamos para o seu quarto.

— A rainha vai ficar brava.

Ela riu.

— Quando ela não está brava?

— Quando está bêbada — respondi com um suspiro.

O riso de Madeline dessa vez saiu mais leve e verdadeiro, e ela cobriu a boca na esperança de não chamar muito a atenção. Vê-la daquele jeito melhorou meu humor. Quando ela levantou, foi mais fácil ir atrás.

Madeline não fez mais perguntas, mas pensei em lhe contar tudo antes de voltar para casa. Seria bom que alguém soubesse.

Ao chegarmos no quarto, me virei para ela e lhe dei um abraço. Demorei para soltar, e ela não me apressou. Naqueles instantes, obtive o mínimo que necessitava da vida.

Caminhei até a cama, mas antes de me enfiar sob as cobertas, caí de joelhos e uni as mãos em prece.

— Será que é pedir demais?

Outra semana se passou. Clarkson mandou duas garotas para casa. Desejei com todas as forças que eu estivesse entre elas.

Por que não tinha sido eu?

Sabia que Clarkson não era lá muito polido, mas não o considerava cruel. Não imaginava que fosse me provocar com uma posição que jamais teria.

Me sentia uma sonâmbula, atravessando os estágios da competição como um fantasma que repete seus últimos passos de novo e de novo. O mundo parecia apenas uma sombra de si mesmo, e eu me arrastava por ele, fria e cansada.

Não demorou para as garotas pararem de perguntar. De tempos em tempos sentia o peso de seus olhares sobre mim. Contudo, já estava além do alcance delas, que pareciam compreender que o

melhor era não se dar ao trabalho de insistir. Me encolhi tanto que já não era notada pela rainha... por quase ninguém, na verdade. Não ligava muito para isso, a sós com minhas preocupações.

Poderia ter continuado assim para sempre. Mas um dia — um dia tão insípido e maçante como os anteriores — estava tão alheia que não percebi a sala de jantar se esvaziar. Não registrei nada até um terno surgir diante de mim do outro lado da mesa.

— Você está doente.

Meu olhar encontrou o de Clarkson para logo em seguida desviar.

— Não, só estou mais cansada que o normal ultimamente.

— Você está magra.

— Já disse, tenho estado cansada.

Ele então deu um murro na mesa que me fez estremecer. Atônita, voltei a olhar para o rosto dele. Meu coração sonolento não sabia como reagir.

— Você não está cansada; está definhando — ele disse com firmeza. — Entendo o porquê, mas você precisa superar.

Superar? *Superar?*

Meus olhos marejaram.

— Com tudo o que o senhor sabe, como pode ser tão maldoso comigo?

— Maldoso? — redarguiu ele, quase cuspidando a palavra. — Isto é bondade. É tirar você da beira do abismo. Você vai se matar desse jeito. O que isso vai provar? O que isso vai trazer de bom, Amberly?

Por mais duras que fossem aquelas palavras, sua voz parecia acariciar meu nome.

— Preocupada que talvez não consiga ter um filho? E daí? Morta é que você não terá chances mesmo.

Ele então tomou o prato à minha frente — ainda cheio de presunto, ovos e frutas — e o empurrou na minha direção.

— Coma.

Sequei as lágrimas dos olhos e encarei a comida. Meu estômago dava voltas só de ver.

— É muito pesado. Não consigo comer.

Ele abaixou a voz e chegou mais perto.

— Então o que você consegue comer?

Dei de ombros.

— Pão, talvez.

Clarkson levantou e estalou os dedos para chamar um mordomo.

— Alteza — saudou o criado, curvando-se.

— Desça à cozinha e traga pão para a senhorita Amberly. Vários tipos.

— Imediatamente, senhor.

O mordomo deu meia-volta e praticamente saiu correndo.

— E, pelo amor de Deus, traga um pouco de manteiga também! — Clarkson gritou atrás.

Senti uma nova onda de vergonha. Como se não bastasse estragar minhas chances com coisas que não podia controlar, era ainda mais humilhante arruiná-las com coisas que eu podia.

— Ouça — a doçura da voz dele me fez encará-lo novamente. — Jamais faça isso de novo. Não desista.

— Sim, senhor — balbuciei.

Ele balançou a cabeça.

— Pode me chamar de Clarkson.

Aquilo valeu cada grão da força que precisei para abrir um sorriso.

— Você precisa ser impecável, entendeu? Precisa ser uma candidata exemplar. Até pouco tempo atrás, não achava que teria de lhe dizer isso, mas agora parece que sim. Não dê a ninguém motivos para duvidar da sua competência.

Eu estava imóvel, pasma. O que ele queria dizer? Se meus pensamentos estivessem um pouco mais claros, teria perguntado.

Menos de um minuto depois, o mordomo retornou com uma bandeja repleta de pães em pedaços, fatias e tranças. Clarkson se afastou.

— Até mais — despediu-se com uma breve reverência e saiu, com as mãos atrás das costas.

— É o bastante, senhorita? — perguntou o mordomo.

Arrastei o olhar até a pilha de comida, fiz que sim com a cabeça, peguei uma fatia e mordi.

É estranho descobrir o quanto você é importante para pessoas que não sabia que se importavam tanto. Ou descobrir que a sua lenta desintegração pode se refletir em outras pessoas numa escala menor.

Os olhos de Martha marejaram quando pedi a ela que, se não fosse um incômodo, me trouxesse uma tigela de morangos. Quando ri de uma piada de Bianca, notei Madeline suspirar de alívio antes de se juntar a nós. E Clarkson...

A única outra vez em que o vira nervoso pra valer fora na noite em que flagramos a briga de seus pais; foi então que descobri que seu breve acesso de loucura tinha sido uma maneira de demonstrar o quão importante ambos eram para ele. O tanto que ele se chateou comigo... Não era meu jeito favorito para ele demonstrar que eu era importante. Mas se ele só conhecia esse jeito, fazia sentido.

Naquela noite, ao me acomodar na cama, prometi duas coisas a mim mesma. Primeira: se Clarkson se preocupava tanto comigo, eu ia parar de me fazer de vítima. Dali para a frente, seria uma competidora. Segunda: eu jamais daria a Clarkson Schreave um motivo para ficar irritado daquele jeito de novo.

Seu mundo parecia um furacão.

Eu seria o seu centro.



— Vermelho — insistia Emon. — Você sempre fica estonteante de vermelho.

— Mas acho que não precisa ser tão básico. Talvez algo mais intenso, como vinho — rebateu Cindly ao pegar outro vestido, bem mais escuro que o anterior.

Suspirei de alegria.

— É esse.

Eu não tinha o fogo que outras garotas tinham, e não era Dois. Mas começava a descobrir que havia outras maneiras de brilhar. Decidira parar de me vestir como princesa e começar a me vestir como rainha.

Não deu muito trabalho perceber que havia uma linha divisória entre as duas coisas. As Seleccionadas recebiam vestidos estampados com flores ou feitos de tecidos leves. Já as roupas da rainha eram sólidas e imponentes. Se minha personalidade não era assim, ao menos meus trajes poderiam ser.

Além disso, passei a me esforçar para me portar de maneira diferente. Se alguém tivesse me perguntado em Hondurágua o que era mais difícil entre trabalhar o dia inteiro sob o sol e tentar manter uma postura decente por nada menos que dez horas, teria respondido a primeira opção. Agora já não estava tão certa.

Eu queria dominar as sutilezas, os detalhes inomináveis que giravam em torno dos Um. Naquela noite, no *Jornal*, queria parecer

a escolha óbvia. Talvez se eu aparentasse ser a melhor escolha, também pudesse me sentir como tal.

Sempre que tinha uma pontinha de dúvida, pensava em Clarkson. Não houve um momento grandioso, definitivo entre nós, mas quando me preocupava por não ser boa o bastante, apegava-me às pequenas coisas. Ele tinha dito que gostava de mim. Ele me pedira para não desistir. Ele podia ter se afastado, mas depois retornou. Era o bastante para me dar esperança. Assim, botei meu vestido vermelho, tomei o remédio para prevenir enxaquecas e me preparei para dar meu melhor.

Ninguém nos avisava se teríamos de responder ou não a uma pergunta ou participar de um debate. Considerei aquilo parte do processo da Seleção: encontrar alguém capaz de pensar rápido. Por isso, fiquei frustrada quando o *Jornal* terminou sem que tivéssemos chance de falar. Haveria outras oportunidades. Contudo, enquanto todas ao meu redor suspiravam aliviadas, eu estava chateada.

Clarkson se pôs a caminhar, e me animei na hora. Ele vinha na minha direção. Para me convidar para um encontro. Eu sabia! Eu sabia!

Só que ele parou diante de Madeline. Cochichou algo em seu ouvido; ela soltou um risinho e, toda entusiasmada, fez que sim com a cabeça. Ele fez um gesto com a mão, como que dando à garota permissão para ir na frente. Antes de segui-la, porém, inclinou a cabeça até minha bochecha e sussurrou:

— Espere por mim acordada.

E partiu sem olhar para trás. Mas não era preciso.

— Tem certeza de que não quer mais nada, senhorita?

— Não, Martha, obrigada. Ficarei bem.

Diminuí as luzes do quarto, mas permaneci de vestido. Quase pedi para trazerem uma sobremesa, mas tinha certeza de que ele já teria

comido.

Eu não sabia por quê, mas senti meu corpo inteiro quente, como se minha pele tentasse dizer que aquela noite seria importante. E eu queria que fosse perfeita.

— A senhorita chamará, não é? Não convém passar a noite sozinha.

Levei as mãos às dela, que não hesitou em me deixar segurá-las.

— Assim que o príncipe sair, mando chamá-la.

Martha assentiu e apertou minhas mãos antes de me deixar só.

Corri até o banheiro, conferi o cabelo, escovei os dentes e ajeitei o vestido. Precisava me acalmar. Cada centímetro da minha pele estava desperto, à espera dele.

Sentada à mesa, passei a me concentrar nos dedos, palmas e pulsos. Cotovelos, ombros, pescoço. Passei por todas as partes na tentativa de relaxar. Claro, tudo isso se tornou inútil assim que Clarkson bateu na porta.

Ele não esperou resposta. Entrou direto. Levantei para cumprimentá-lo, e minha ideia era fazer uma reverência, mas algo em seus olhos me deixou perplexa. Apenas o observei avançar a passos lentos com um olhar determinado.

Levei a mão à barriga com o intuito de combater o frio lá dentro. Não deu muito certo.

Sem palavras, ele pôs a mão na minha bochecha e afastou meu cabelo, depois correu os dedos para o meu queixo. Antes de se inclinar para a frente, notei uma sugestão de sorriso em seu rosto.

Quando era mais nova, imaginara um primeiro beijo com Clarkson de cem maneiras diferentes. Aparentemente, não sonhara grande o bastante.

Ele conduziu, me puxando para si. Pensei que talvez fosse escorregar ou tropeçar, mas não sei como minhas mãos foram parar

em seus cabelos, e os agarrei com a mesma intensidade que ele me segurava. Ele se curvou e me aninhei em seu corpo, feliz e surpresa ao descobrir como nos encaixávamos bem.

Aquilo era a felicidade. O amor. Tantas palavras que a gente ouve falar ou lê a respeito, e agora... agora eu sabia.

Quando ele enfim recuou, o frio na barriga e os calafrios já não existiam. Uma sensação inteiramente nova pulsava na minha pele.

Nossa respiração estava acelerada, mas isso não o impediu de falar:

— Você estava estonteante esta noite. Achei que deveria saber.

Ele correu os dedos pelos meus braços, pelo meu pescoço, até meu cabelo.

— Absolutamente estonteante — completou.

Me beijou mais uma vez e saiu, não sem antes parar diante da porta e lançar um último olhar para mim.

Rodeei a cama algumas vezes antes de deitar. Pensei em chamar Martha e pedir ajuda para tirar o vestido, mas me sentia tão bonita que deixei por isso mesmo.



Na manhã seguinte, minha pele arrepiava sem qualquer aviso. Qualquer movimento, qualquer toque ou brisa reacendia aquela sensação quente em meu corpo, e minha mente divagava para Clarkson.

Nossos olhares se encontraram duas vezes no café da manhã; em ambas, seu rosto trazia a mesma expressão de contentamento. Era como se um segredo delicioso pairasse entre nós.

Embora nenhuma de nós soubesse ao certo se os boatos a respeito de Tia eram verdadeiros, decidi tomar a expulsão dela como um aviso e guardei a noite anterior para mim. O fato de ninguém mais saber a tornava ainda melhor, mais sagrada até, e eu a protegia como um tesouro.

O único lado ruim do beijo foi ter tornado todos os momentos longe de Clarkson insuportáveis. Eu precisava vê-lo de novo, tocá-lo de novo. Se alguém viesse perguntar o que tinha feito naquele dia, seria incapaz de responder. Cada um dos meus suspiros pertencia a Clarkson, e nada teve importância até eu voltar ao quarto para me vestir para o jantar. A promessa de vê-lo novamente era a única coisa que me mantinha inteira.

Minhas criadas estavam em perfeita sintonia com minhas novas ideias de visual, de modo que o vestido daquela noite era ainda melhor. Um tom de mel, com cintura alta e a saia mais volumosa atrás. Talvez fosse meio extravagante demais para o jantar, mas adorei mesmo assim.

Tomei meu assento. Clarkson piscou para mim, me fazendo corar. Eu queria uma iluminação melhor para poder enxergar o rosto dele em detalhes. Tinha inveja das garotas do outro lado da sala: toda a luz do pôr do sol entrava pelas janelas e pousava sobre seus ombros.

— Ela está brava de novo — murmurou Kelsa.

— Quem?

— A rainha. Olhe para ela.

Levantei os olhos discretamente para a mesa principal. Kelsa tinha razão. A rainha parecia irritada até com o próprio ar. Ela pegou um pedaço de batata com o garfo, encarou-o e depois jogou de volta no prato.

Algumas garotas se sobressaltaram com o barulho.

— Queria saber o que aconteceu — comentei, também cochichando.

— Acho que nada. Ela é uma daquelas pessoas incapazes de ser feliz. Se o rei lhe desse férias a cada quinze dias ainda não seria o bastante. Ela não ficará satisfeita enquanto não formos todas embora. — A voz de Kelsa estava repleta de desprezo pela rainha e por sua postura irritada. Eu entendia o porquê, claro. Ainda assim, por causa de Clarkson, não conseguia odiá-la.

— Me pergunto o que ela vai fazer quando Clarkson escolher — cismeiei em voz alta.

— Não quero nem pensar nisso — Kelsa disse entre um gole e outro da sidra. — Ela é a única coisa que me faz não querer o príncipe.

— Eu não me preocuparia tanto — brinquei. — O palácio é grande o bastante para evitá-la sempre que possível.

— Bem pensado! — ela comentou, para em seguida olhar ao redor e conferir se alguém nos observava. — Acha que tem algum

calabouço aqui para botarmos a rainha?

Tentei segurar mas caí na gargalhada. Não havia dragões para mantermos numa jaula, mas ela chegava perto.

Tudo aconteceu muito rápido; imagino que era essa a intenção. Vi as janelas se despedaçarem quase simultaneamente, atravessadas por objetos vindos de fora. Ouviram-se os gritos estridentes de algumas Seleccionadas enquanto o vidro chovia em estilhaços sobre elas; aparentemente, Nova foi atingida na cabeça pelo objeto que quebrara a janela atrás dela. Ela se encolheu na mesa, abraçando o próprio corpo, enquanto algumas tentavam olhar para fora e ver de onde vinham aquelas coisas.

Observei aqueles objetos esquisitos no meio da sala de jantar. Pareciam enormes latas de sopa. Quando apertei os olhos, tentando decifrar os rabiscos na lateral da que estava mais perto de mim, a lata bem ao lado estourou e começou a soltar fumaça pela sala.

— Corram! — berrou Clarkson, enquanto outra lata explodia. — Saiam!

Independente dos problemas entre ambos, o rei agarrou o braço da rainha e a arrastou dali. Vi duas garotas correrem para o meio da sala de jantar, e Clarkson as empurrou para fora.

Em questão de segundos, todo o ambiente se encheu de fumaça preta, que somada aos gritos dificultava minha concentração. Virei para o lado à procura das garotas sentadas perto de mim. Elas tinham sumido.

Tinham fugido, claro. Olhei para o outro lado, mas me perdi imediatamente na fumaça. Onde estava a porta? Respirei fundo para tentar me acalmar, mas em vez disso comecei a tossir por conta dos gases. Senti que era alguma coisa pior que simples fumaça. Já tinha chegado bem perto de uma fogueira antes, e aquilo... aquilo era

diferente. Meu corpo queria descansar. Sabia que não estava certo. Eu deveria querer resistir.

Entrei em pânico. Só precisava encontrar um rumo. A mesa. Se eu encontrasse a mesa, bastava virar à direita. Agitei os braços ao redor, tossindo por conta da fumaça que inalava ao respirar tão rápido. Tropecei e dei com a mesa, que não estava onde eu pensava que estaria. Não importava: era suficiente. Apoiei as mãos sobre um prato, ainda cheio de comida, e corri as mãos pelo tampo da mesa, esbarrando em copos e tropeçando nas cadeiras.

Eu não ia conseguir.

Não conseguia respirar, e estava tão cansada.

— Amberly!

Ergui a cabeça, mas não dava para ver nada.

— Amberly!

Bati a mão contra a mesa, e o esforço me fez tossir. Não o escutei de novo, e só enxergava a fumaça.

Bati a mão contra a mesa outra vez. Nada.

Tentei novamente, e em vez de acertar a madeira, senti outra mão sob a minha.

Nos encontramos em meio aos gases, e ele me arrastou para fora às pressas.

— Venha — ele conseguiu dizer enquanto me puxava. Minha sensação era de que a sala de jantar não acabava nunca, mas então dei com o ombro no batente da porta. Clarkson segurava minha mão e insistia para eu continuar, mas tudo que eu queria era descansar. — Não. Venha.

Avançamos pelo corredor, onde vi algumas outras garotas, deitadas juntas no chão. Umas estavam sem fôlego, e pelo menos duas tinham vomitado por causa do gás.

Clarkson me puxou para o final da aglomeração de garotas e nos atiramos ao chão juntos, resfolegando em busca de ar puro. Era impossível que aquele ataque — e eu estava certa de que se tratava de um — tivesse durado mais de dois ou três minutos, mas me sentia como se tivesse corrido uma maratona.

Eu estava deitada sobre o braço, de forma bem desconfortável, mas me mexer requeria muito esforço. Clarkson estava imóvel, mas dava para ver seu peito subir e descer. Um segundo depois, ele se virou para mim.

— Você está bem?

Precisei de toda a minha força para responder:

— Você salvou minha vida — pausei, sem fôlego. — Eu amo você.

Várias vezes eu havia imaginado como seria dizer aquelas palavras, mas nunca daquele jeito. Ainda assim, não consegui me dar ao luxo de me arrepender: meu cérebro começou a apagar enquanto os sons dos guardas atacando ecoava em meus ouvidos.

Havia alguma coisa presa ao meu rosto quando acordei. Levei a mão à cabeça e encontrei uma máscara de oxigênio, mais ou menos como a que vira depois de Samantha Rail ter sido pega por aquele incêndio.

Olhei para a direita e vi que a escrivanhinha onde a enfermeira costumava sentar e a porta estavam praticamente ao meu lado. Na outra direção, quase todos os leitos da ala hospitalar estavam ocupados. Não consegui contar quantas garotas estavam lá, o que me levou a pensar em quantas estariam bem... e se havia alguma que não escapara.

Tentei sentar na esperança de ver mais. Quando estava quase ereta, Clarkson me viu e veio na minha direção. Não sentia muita tontura ou falta de ar, então arranquei a máscara. Mesmo ele estava

devagar, ainda superando os efeitos do gás. Quando finalmente chegou até mim, sentou na beira do leito e perguntou em voz baixa:

— Como se sente? — sua voz soava áspera.

— Que... — Tentei limpar a garganta; minha voz também estava esquisita. — Que importância isso tem? Não consigo acreditar que você voltou lá para dentro. Existem vinte e poucas versões de mim aqui. Há apenas um de você.

Clarkson estendeu a mão, chamando a minha.

— Você não é exatamente substituível, Amberly.

Apertei os lábios; não queria chorar. O herdeiro do trono tinha corrido perigo por minha causa. A sensação que acompanhava tal constatação era quase bela demais para suportar.

— Senhorita Amberly — disse o doutor Mission, aparecendo do nada. — Fico feliz em vê-la finalmente desperta.

— As outras estão bem? — minha voz parecia a de outra pessoa.

Ele e Clarkson trocaram olhares rapidamente.

— Melhorando — o médico respondeu afinal. Ambos omitiam alguma informação, mas me preocuparia com isso mais tarde. — Mas a senhorita teve sorte. Sua Alteza resgatou cinco garotas, incluindo a senhorita.

— O príncipe Clarkson é muito corajoso mesmo. Sou tão sortuda.

Eu ainda segurava a mão dele, e naquele momento apertei-a um pouco.

— Sim — o doutor Mission respondeu —, mas me perdoe por questionar o propósito de tamanha coragem.

— Perdão?

— Alteza — ele replicou em voz baixa —, o senhor certamente sabe que seu pai não aprovaria tanto tempo dedicado a uma garota indigna do senhor.

Teria doído menos se ele tivesse me dado um tapa.

— As chances de ela gerar um herdeiro são, quando muito, irrisórias. E o senhor quase perdeu a vida para resgatá-la! Ainda não relatei a condição dela ao rei, pois estava certo de que o senhor seria misericordioso e a mandaria para casa assim que soubesse. Mas se isso continuar, terei de informá-lo.

Houve uma longa pausa antes de Clarkson responder.

— Acho que ouvi várias garotas dizerem que suas mãos se detiveram um pouco demais no corpo delas durante os exames hoje — ele disse friamente.

O médico franziu a testa.

— O que o senhor...

— E qual delas disse que você cochichou algo bastante inadequado, mesmo? Não importa, imagino.

— Mas eu nunca...

— Não faz diferença. Sou o príncipe. Minha palavra está acima de qualquer questionamento. E se eu meramente sugerir que você ousou tocar minhas mulheres de maneira antiprofissional, acabará diante de um pelotão de fuzilamento.

Meu coração disparou. Queria detê-lo, dizer que não era necessário ameaçar a vida de ninguém. Com certeza existiam outras maneiras de contornar o problema. Contudo, eu sabia que não era hora de falar.

O doutor Mission engoliu em seco. Clarkson prosseguiu:

— Se você dá algum valor à própria vida, sugiro que não interfira na minha. Estamos claros?

— Sim, Alteza — concordou o médico, acompanhando as palavras de uma breve reverência para garantir.

— Excelente. A senhorita Amberly está em boas condições? Pode ir para o quarto descansar com conforto?

— Vou pedir para uma enfermeira verificar imediatamente.

Clarkson o dispensou, e o médico saiu.

— Você acredita na ousadia que ele teve? Vou me livrar dele de qualquer jeito.

Apoiei a mão no peito de Clarkson e pedi:

— Não. Não, por favor. Não o machuque.

Ele sorriu.

— O que quero dizer é que vou mandá-lo embora, arranjar um posto para ele em outro lugar. Muitos governadores gostam de ter um médico particular. Ele se sairá bem em algo assim.

Suspirei aliviada. Desde que ninguém morresse, estaria tudo bem.

— Amberly — ele sussurrou. — Você sabia que talvez não pudesse ter filhos antes de ele dizer?

Neguei com a cabeça.

— Tinha uma preocupação. Já vi acontecer com outras onde vivo. Mas minhas duas irmãs são casadas e têm filhos. Esperava que eu também pudesse ter.

Minha voz embargou, e ele me conteve:

— Não se preocupe com nada disso agora. Passo mais tarde para ver como você está. Precisamos conversar.

Ele beijou minha testa, ali mesmo na ala hospitalar, onde todos podiam ver. Todas as minhas preocupações desapareceram, ao menos naquele instante.



— Tenho um segredo para te contar.

Acordei com Clarkson sussurrando ao meu ouvido. Era como se meu corpo já soubesse reagir a ele, então não me assustei. Em vez disso, sua voz produziu em mim uma agitação suave, a melhor forma de acordar do mundo.

— Tem? — perguntei enquanto esfregava os olhos para ver seu sorriso travesso.

Ele assentiu.

— Será que devo revelar?

Respondi com risinhos, e ele inclinou a cabeça novamente até meu ouvido:

— Você será a próxima rainha de Illéa.

Me afastei querendo ver seu rosto, à procura de qualquer indício de que era uma piada. Mas, de verdade, jamais o vira tão calmo.

— Quer que eu conte como sei?

Clarkson parecia contente consigo mesmo por ter me deixado tão surpresa.

— Por favor — balbuciei, ainda sem acreditar nas palavras dele.

— Espero que você me perdoe pelos meus pequenos testes, mas há muito sabia o que procurava. — Ele mudou de posição na cama, e eu sentei para que ficássemos frente a frente. — Eu gostava do seu cabelo.

Levei a mão à cabeça por instinto.

— O que quer dizer?

— Não havia nada de errado com ele quando estava comprido. Pedi a várias garotas para cortarem o cabelo, e você foi a única a me dar mais que um dedo.

Arregalei os olhos, atônita. O que significava aquilo?

— E então veio a noite do nosso primeiro encontro... Você lembra? Claro que eu lembrava.

— Apareci tarde, quando sabia que você estaria pronta para a cama. Você perguntou se poderia trocar de roupa, mas não discutiu quando eu disse que não. Veio comigo tal como estava. As outras me empurraram para o corredor e me fizeram esperar enquanto se vestiam. Foram rápidas, devo admitir, mas ainda assim...

Refleti por uns instantes.

— Não entendo — admiti.

Ele tomou minha mão.

— Você viu meus pais. A guerra por besteiras. Para eles, as aparências são questão de vida ou morte. E embora elas sejam importantes para o bem do país, eles deixaram que atrapalhassem qualquer possibilidade de paz entre os dois, muito menos felicidade.

“Se eu lhe peço algo, você dá. Você não é vaidosa. É segura de si o bastante para me pôr à frente da sua aparência, à frente de tudo. Sei disso por causa da maneira como recebe qualquer pedido que lhe faça. Mas há outras coisas...”

Ele respirou fundo e fixou os olhos em nossas mãos, como se ponderando se deveria me contar.

— Você guardou meus segredos, e garanto: se casar comigo, haverá muitos outros para guardar. Você não me julga nem se assusta com qualquer coisa. Você me tranquiliza. — Antes de continuar, ergueu o olhar até os meus olhos. — Estou desesperado por tranquilidade. Acho que você é a minha única chance de obtê-la.

Abri um sorriso.

— O centro do seu furacão?

Ele soltou o ar, aparentemente aliviado.

— Sim.

— Eu ficaria feliz em ser isso para você, mas há um problema.

Ele coçou a cabeça.

— Sua casta?

Tinha esquecido disso.

— Não. Filhos.

— Ah, isso... — ele disse, quase como se fosse uma piada. — Não ligo para isso de qualquer forma.

— Mas você precisa de um herdeiro.

— Para quê? Para continuar a linhagem? Suponha que conseguíssemos ter um bebê, uma menina. Não haveria chance de ela obter a coroa. Você não acha que existem planos alternativos?

— Eu quero filhos — balbuciei.

Ele deu de ombros.

— Não há garantia de que você não os terá. Pessoalmente, não gosto de crianças. Acho que para isso existem as babás.

— E sua casa é tão imensa que você nunca ouviria um deles gritar.

Clarkson achou graça.

— Verdade. Assim, haja o que houver, isso não é um problema para mim.

Ele estava tão calmo e despreocupado que acreditei, e aquele peso saiu de minhas costas. Meus olhos marejaram, mas não me permiti chorar. Guardaria as lágrimas para depois, quando estivesse sozinha.

— O verdadeiro problema para mim é a sua casta — ele reconheceu. — Bom, não tanto para mim, mas para o meu pai. Precisarei de tempo para descobrir o jeito certo de tratar o assunto. Isso implica que a Seleção deverá continuar por um tempo. Mas

aguento firme — ele assegurou, se aproximando —, você será minha esposa.

Mordi os lábios, feliz demais para acreditar que aquilo era real.

Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Você será a única coisa no mundo realmente minha. E vou colocá-la em um pedestal tão alto que será impossível alguém não te adorar.

Sacudi a cabeça, tonta de alegria.

— Não sei o que dizer.

Ele me beijou rapidamente.

— Treine o seu “sim”. Quero você pronta quando chegar a hora.

Nossas cabeças se tocaram e ficamos em silêncio por alguns instantes. Eu não conseguia acreditar que aquilo era real. Ele tinha dito todas as palavras que eu esperava ouvir desde sempre: rainha, esposa, adorar. Os sonhos que eu abrigara no meu coração estavam se tornando realidade.

— Você precisa voltar a dormir. O ataque desta manhã foi um dos piores até hoje. Quero que se recupere totalmente.

— Como quiser — falei.

Ele correu o dedo pela minha bochecha, satisfeito com a minha resposta.

— Boa noite, Amberly.

— Boa noite, Clarkson.

Voltei a me aninhar na cama assim que ele saiu, mas sabia que seria incapaz de retomar o sono. Como poderia, com o coração batendo duas vezes mais rápido e a cabeça repassando todas as possibilidades do nosso futuro?

Levantei devagar e fui até a escrivaninha. Só podia pensar em um jeito de tirar aquilo de dentro de mim.

*Querida Adele,*

*Você pode guardar um segredo?*



ROBBIE POFF

KIERA CASS nasceu em 1981, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Formou-se em história na Universidade de Radford, na Virginia, e publicou seu primeiro livro, *The Siren*, em 2009, em uma edição independente. Beijou aproximadamente catorze garotos em sua vida, mas nenhum deles era um príncipe.

Copyright © 2014 by Kiera Cass

Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Queen

CAPA Aline Temoteo

PREPARAÇÃO Nathália Dimambro

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues/ Verba Editorial

ISBN 978-85-438-0235-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

Sobre a autora

Créditos